

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
LICENCIATURA EM LETRAS**

MIRIAM TRINDADE LIMA

**O MAL DE AUSÊNCIA: SINTOMAS DE EXÍLIO EM OVÍDIO E GONÇALVES
DIAS**

**PARINTINS/AM
2020**

MIRIAM TRINDADE LIMA

**O MAL DE AUSÊNCIA: SINTOMAS DE EXÍLIO EM OVÍDIO E GONÇALVES
DIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Letras – Língua portuguesa e
respectivas literaturas, da
Universidade do Estado do
Amazonas, como requisito parcial
para obtenção do título de
Licenciada em Letras

Orientador: Professor Doutor Weberson Fernandes Grizoste

**PARINTINS/AM
2020**

MIRIAM TRINDADE LIMA

**O MAL DE AUSÊNCIA: SINTOMAS DE EXÍLIO EM OVÍDIO E GONÇALVES
DIAS**

Trabalho de Conclusão de Curso de
Letras – Língua portuguesa e
respectivas literaturas, da
Universidade do Estado do
Amazonas, como requisito parcial
para obtenção do título de
Licenciada em Letras

Aprovada em ____/____/2020

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Professor Doutor Weberson Fernandes Grizoste
Universidade do Estado do Amazonas

Professora Doutora Gleidys Meyre da Silva Maia
Universidade do Estado do Amazonas

Professora Mestre Renata Ribeiro Lima
Instituto Federal do Maranhão – Universidade Federal Fluminense

ÍNDICE

CAPÍTULO I: A RECEPÇÃO DE OVÍDIO EM GONÇALVES DIAS	12
CAPÍTULO II: O GÊNERO EPISTOLAR.....	18
2.1. ENTRE A ÉPICA E A LÍRICA: O GÊNERO EPISTOLAR DE OVÍDIO.....	18
2.2. <i>QUERES DIÁRIO EM VEZ DE CARTAS</i> : AS CORRESPONDÊNCIAS DE GONÇALVES DIAS	21
CAPÍTULO III: EXÍLIO COMO LUGAR LITERÁRIO.....	25
3.1 O EXÍLIO NAS EPÍSTOLAS OVIDIANAS	25
3.2 LÁ E CÁ: O EXÍLIO NA CORRESPONDÊNCIA ATIVA DE GONÇALVES DIAS ...	34
3.3 A POESIA COMO REFÚGIO PARA O MAL DO ISOLAMENTO.....	41
3.4 MORRER NO EXÍLIO	46

Para minha Família
Para todo aquele que esteve ou está exilado

AGRADECIMENTOS

Ao criador, pelo fôlego de vida.

Aos meus amados pais, Raimundo Lima e Mary Lima, por terem mostrado desde a infância o caminho da educação e por seguirem me incentivando. Por todo amor.

Às minhas meninas, Milca e Laís, simplesmente por existirem e encherem de graça a minha vida. Por estarem comigo desde sempre.

Ao meu primo-irmão, Davi, pela ajuda e amizade dos últimos tempos.

Meus sinceros agradecimentos ao Professor Doutor Weberson Fernandes Grizoste, pela orientação precisa, compreensão e por ter me proporcionado conhecer o glorioso mundo dos deuses e das musas.

Aos meus colegas e amigos que fiz ao longo desses quatro anos de vida acadêmica. Serei eternamente grata a cada um.

Ao meu grupo de estudos, “Acadêmicos: Infinity war”, pelos “dias de lutas e dias de glória”.

Ao meu tão querido grupo de amigos “Abandonados”, que me foi essencial ao longo desse percurso. André, Júlia e Rebeca, pelas luzes que irradiam.

A todos os professores do Colegiado de Letras que contribuíram para minha formação. Devo muito a vocês.

A Universidade do Estado do Amazonas, pela oportunidade valiosa do ingresso acadêmico.

Enfim, a todos que somaram comigo e mesmo que de longe torceram por mim desejando coisas boas.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir acerca dos males da ausência atribuídos aos poetas, como também as pessoas de Ovídio e Gonçalves Dias. O poeta clássico compõe o *Tristia e Epistolae ex Ponto*, verdadeiros diários da dor e lamento devido seu banimento da terra natal, tornando-se o ponto de partida para iniciar uma tradição de representação do exílio na literatura ocidental. A partir do princípio de que o infortúnio solidariza e nos une, chega-se ao poeta romântico Gonçalves Dias, pois embora o exílio fosse um dos temas mais recorrentes do período literário, olha-se para os diversos exílios que viveu o poeta, porque assim denominou o mal que lhe sobreveio, ora em terras brasileiras, ora em solo europeu; afetando a sua maneira de olhar o mundo, o que se refletiu em suas obras. Em virtude disso, faz-se uma leitura das epístolas elegíacas de Ovídio e das correspondências de Gonçalves Dias. Ainda que sejam diferentes formas de exílios, nota-se que o que predomina e os assemelha é, sobretudo o sofrimento que a condição de exilado proporciona.

Palavras-chave: Exílio, Ovídio, Gonçalves Dias, Gênero epistolar.

ABSTRACT

This work aims to reflect on the evils of absence attributed to poets, as well as the people of Ovid and Gonçalves Dias. The classic poet composes *Tristia* and *Epistolae ex Ponto*, true diaries of pain and regret due to their banishment from their homeland. It is the starting point to start a tradition of representing exile in Western literature. Based on the principle that misfortune empowers us and unites us, we start with Romanticism with the poet Gonçalves Dias, although exile is one of the most recurrent themes of the literary period. One looks at how the various exiles that the poet lived, because that is how he called the evil that happened to him, now in Brazilian lands, now in European earth; affecting his way of looking at the world, what would be reflected in his works. As a result, Ovid's elegiac epistles and Gonçalves Dias' correspondences are read. Although there are different forms of exile, it is noted that what predominates and resembles them is only the suffering that the condition of exile provides.

Keywords: Exile, Ovid, Gonçalves Dias, letters, epistle.

INTRODUÇÃO

A história da humanidade é também construída por experiências de exílios. Os grandes movimentos migratórios dos povos delinearão e moldaram a história, culturas, e vidas. O exílio está presente nos mitos e é real na vida. Como não nos lembrarmos da saga de Ulisses de volta para casa, ou a de Enéias ao fundar uma nova pátria em cima das cinzas daquela que perdeu. Se olharmos também para o cristianismo veremos o sentimento do exílio de forma viva em sua estrutura, como uma espécie de um grande desterro, uma vez que o cristão não reconhece a terra como sua verdadeira pátria, mas sim o reino vindouro de Deus.

Ao se pensar em exílio tende-se a relacionar com a expulsão de um sujeito de seu lugar habitual para um lugar estranho contra a vontade dele. No entanto, é preciso considerar os vários caminhos e sentidos que o exílio representa. Segundo Said (2000) para além dos múltiplos sentidos que carrega a palavra exílio é, sobretudo, como uma forma de (mal-) estar-no-mundo. Devido a isso, o exilado não vai ser necessariamente somente o ser banido de sua terra, mas todo aquele que padece dos males da ausência.

O homem em sua naturalidade é dependente do que reconhece como seu. O solo pátrio, as relações sociais que pertence, de alguma forma o compõe, são pormenores de uma integridade. O isolamento, o desterro, o exílio são formas de matar um sujeito no mundo. Pois se cabe à literatura representar diversos males humanos, dentro dessa função representativa expressou o “canto do exílio” em diversos momentos da história. Este canto ecoou em Ovídio, Dante, em Camões, em Gonçalves Dias e tantos outros nos séculos posteriores.

No tocante, esta pesquisa remete-se a dois grandes nomes da literatura. Na antiguidade clássica trabalha-se com Ovídio, o autor dos *Amores* e das *Heroides*, das *Metamorfoses*, dos *Fastos* e da *Arte de Amar*, é também o poeta relegado do *Tristia* e *Epistolae ex Ponto*. É no degredo que Ovídio vai compor o canto mais dorido da sua poética expressando grandes dores e muitas saudades. Para muitos estudiosos da literatura clássica, Ovídio continua sendo o símbolo do poeta exilado por excelência. Essa imagem que figura em torno da vida e obra do poeta está latente em suas escrituras de desterro e sua recepção nos séculos posteriores. Neste trabalho, não nos atemos a investigar os mistérios do exílio ovidiano ou o caráter verídico de sua obra. Para nós, a verdade construída nos seus versos tristes representa o exímio sofrimento de um desterrado e isso já nos é válido. No degredo em Tomos compõe, então, o *Tristia* e

Epistolae ex Ponto, elegias com características de epístolas que vão expressar grande dor e lamento.

Tendo em vista que o sofrimento é capaz de solidarizar e aproximar tempos remotos, chega-se ao poeta nacional, Gonçalves Dias, insígnia do romantismo e do nacionalismo. Gonçalves Dias é um dos mais notáveis poetas do Brasil e um dos maiores nomes do Romantismo brasileiro, visto por muitos como o maior de sua geração. Herança do processo de colonialismo, o poeta mestiço sentiu na pele as sequelas do peso de sua origem num país que estava recém-liberto do jugo de 300 anos de dominação lusitana, a exemplo disso, temos sua poética constituída como uma perfeita representação de si e dos males que o assolavam.

Para tanto, se faz necessário analisar a representação literária dos sintomas do exílio encontrados nas epístolas de Ovídio e de Gonçalves Dias. Desta forma, têm-se os seguintes objetivos: compreender a poesia como refúgio para o mal de ausência; examinar a construção literária do gênero epistolar como ferramenta de auxílio em meio aos infortúnios do exílio, enaltecendo a influência do poeta Ovídio na literatura de exílio ocidental, bem como Analisar a (auto) representação dos poetas enquanto pessoa exilada. Tendo em vista isto, a pesquisa se dividirá em três momentos.

Primeiramente, veremos então a recepção de Ovídio em Gonçalves Dias e seus pontos de contatos. Daremos ênfase nos exílios dos poetas, sobretudo no fato de que mais do que qualquer outro ponto de contato, estão atrelados pelo infortúnio do mal de exílio. Pois a figura dos poetas como exilados se mantém viva, uma vez que Ovídio é considerado como precursor da lírica do exílio na tradição ocidental, e Gonçalves Dias é o poeta que legitimou a nossa poesia americana.

No segundo momento abordaremos aspectos da escritura epistolar na antiguidade, como também no Romantismo. Dar-se-á ênfase na questão das fusões dos gêneros elegíaco e epistolar de Ovídio, bem como nas Cartas de Gonçalves que vão se configurar como diários íntimos, pois assim o poeta considerou que fossem suas cartas.

No terceiro momento, aborda-se o exílio como lugar literário, seja como um jogo ficcional feito por Ovídio para representar a si mesmo como exilado, como também os aspectos da vida de Gonçalves Dias descritos nas cartas que mais tarde somaria grande valor a sua obra poética, dando ênfase no papel na poesia como instância salvadora em meio aos infortúnios, bem como sua analogia com a morte. Pois, por vezes os poetas desejam a morte para se salvarem de seus sofrimentos, bem como já se veem em uma condição de morte.

O exílio como um lugar literário, seja o desterro, ou a solidão propriamente dita, ou quaisquer que forem as inúmeras outras formas de exílios, sempre é capaz de gerar algo; marcas, aprendizados, memórias ou poesia. O infortúnio é capaz de igualar e solidarizar as pessoas. Consegue aproximar universos distintos, como é o caso de Ovídio e Gonçalves Dias. Os poetas em exílio, embora diferentes, manifestam semelhantes sintomas, que despertam o nosso interesse. Neste trabalho é através das cartas dos poetas e poesias que pretendemos chegar a uma reflexão sobre os males da ausência, na antiguidade, como também no Romantismo, enaltecendo assim, suas importâncias para a posteridade.

A respeito das citações e traduções ao longo desta pesquisa, optamos por indicar os excertos originais em latim seguidos de uma tradução portuguesa. Utilizamos a tradução do *Tristia* de Prata (2007) e *Epistolae ex Ponto* de Albino (2009). As abreviações das obras e autores latinos utilizadas no corpo do texto seguem as normas do Oxford Latin Dictionary. As citações dos demais autores acompanham as normas da ABNT.

CAPÍTULO I: A RECEPÇÃO DE OVÍDIO EM GONÇALVES DIAS

O exílio é estranhamente fascinante quando pensamos nele, mas terrível quando o experimentamos.

Edward Said

O amor foi uma das principais fontes de inspiração das elegias do poeta Ovídio. Não apenas uma ingênua e doce aspiração amorosa que se pode ver nas páginas de um belo romance romântico, mas a celebração e o ensino da paixão carnal, do prazer, a vida entregue aos amores furtivos, e teve como seio gerador de seus mais profanos desejos a cidade de Roma. Entretanto, não foi apenas o símbolo da elegia erótica herdada de seus predecessores. O poeta destacou-se igualmente com suas elegias produzidas no exílio. Conforme Albino (2009, p. XVII), “já no exílio, Ovídio produz, talvez, a mais autêntica elegia romana no sentido etimológico do termo que expressa pranto, dor e melancolia”. Por isso, também destaca André (2002, p.73) que o poeta adquiriu igualmente “a posição de cantor, por excelência do exílio”, pois é através de sua condição pessoal, a dor por deixar Roma, sua família e seus amigos, que compõe o canto mais dorido de sua poética expressando profundas tristezas e grandes saudades.

Segundo Avellar (2018, p.87), “é no exílio que Ovídio realiza sua última metamorfose e assume uma *persona* de exilado”, pois embora a experiência exílica já tivesse sido abordada anteriormente por outros poetas, é a partir do *Tristia* e das *Epistolae Ex Ponto*, “que há uma elaboração sistemática do tema, por meio de poemas em primeira pessoa, nos quais a figura de poeta/autor se apresenta como exilado” (AVELLAR, 2018, p. 88). Originando, assim, a chamada literatura do exílio, que mais tarde influenciaria as produções futuras contribuindo para a formação de um mito de exílio em torno da vida e obra do poeta.

Ovídio, que desde a juventude preferiu a poesia, em vez da vida política planejada pelo pai, lançou-se no mundo poético e obteve sucesso, tanto que conquistou a sociedade romana com suas elegias de caráter amoroso. Amante da vida libertina, gozava da liberdade e dos prazeres que a vida social em Roma ofertava, estando em vários círculos sociais, inclusive o palaciano. Como se sabe, Ovídio era frequentador da corte augustana, todavia, não se sabe, de fato, o real motivo de seu banimento, dessa forma seu exílio ganha um ar de mistério que perdura até os dias atuais. De tal modo, o enigma abre um vasto caminho para inúmeras suposições e contribuições quanto ao esclarecimento do degrado do poeta.

Para Grimal (1991, p. 153) “existe um poeta latino cujo nome é inseparável do sentimento amoroso e que em vida pagou por essa reputação com o exílio”. Nesta

perspectiva, dá-se a entender que as transgressões dos valores morais tradicionais presentes principalmente na *Ars Amatoria* firmaram-se em razões suficientes para justificar o banimento do sulmonense, haja vista que o imperador Augusto ficou conhecido pelo seu projeto de restauração da paz e dos antigos valores morais romanos que foram perdidos com o contato com outras culturas. Dessa forma, Ovídio representava com suas obras, de certa forma, a sua maneira de corromper esses valores estabelecidos no principado de Augusto (ARAÚJO, 2012, p. 18).

No entanto, são inúmeras as hipóteses levantadas pelos estudiosos, muitos afirmam que a obra *Ars Amatoria* é usada apenas como pretexto para encobrir os reais motivos que o levaram ao desterro, motivos como: afronta política, conspiração, alcovitagem e escândalos, Vázquez (1992) referido por Natália Cristina Grosso apresenta uma lista de fatores que podem ter feito o imperador condenar o sulmonense à sua pior experiência.

- Ter freqüentado determinados círculos de oposição ao imperador, como de Fábio Máximo;
- Ter ido à casa de Augusto no momento em que este, após saber de um desastre, sofria um ataque de cólera tão horrível que Ovídio teria ridicularizado o imperador em epigramas de circulação clandestina;
- Ter descoberto o incesto de Augusto com sua filha Júlia;
- Ter sido testemunha do adultério de Júlia;
- Ter conspirado com Fábio Máximo para devolver o direito de sucessão imperial a Agripa Póstumo, neto de Augusto, entre outras (GROSSO, 2007, p. 177).

Essas implicações elevam o caráter verídico do exílio do poeta e mostram como uma verdade histórica, porém, em 1985 os estudos de Fitton Brown trouxeram questionamentos quanto à veracidade do exílio do poeta, e se sua produção poética fora apenas uma prova de seu enorme talento em escrever poesias. Estes questionamentos têm razões fundamentais, uma vez que o poeta já mostrara sua aptidão para as inovações elegíacas com a composição das *Heroides*¹. Mas por outro lado, estas cartas também revelam um gosto pela escrita de exílio, já que nelas o poeta se traveste das heroínas e heróis mitológicos para escrever a seus amados que se encontram ausentes.

Mora (2002) retoma o pensamento de Fitton Brown (1985) acrescentando mais argumentos que sustentam a irrealidade do exílio ovidiano, para além das dúvidas

¹ Silva (2013, p. 100,101) “são cartas imaginárias enviadas por heroínas gregas e romanas a seus amantes, procedente de diversas fontes, como a de Dido a Enéias; teve influência da retórica e logrou bastante sucesso na época. Neste sentido, esta obra remonta à noção própria da elegia, pois apresenta um tom épico, estando, portanto, no limiar entre épica e lírica”.

colocadas por Brown, como a ausência de documentos e registros oficiais da rejeição do poeta, ou sua não menção por contemporâneos, assim como o caráter claramente literário das descrições do local de desterro.

Mora (2002) afirma haver uma distinção entre “pessoa real que vive num determinado contexto social e histórico, e Ovídio das suas obras, personagem fictícia que perdura na intemporalidade do espaço literário” (p.105). Essa comprovação de divisão, a contrário de Fitton Brown, seria em *Amores* e não nas *Heroides*, pois seu exílio seria uma construção ficcional fruto de seu exercício literário e não necessariamente, uma experiência pessoal vivida por ele.

Seja como for, a realidade ou não da experiência pessoal do sulmonense como pessoa exilada não diminui o valor da obra. Pois é certo que existe uma verdade histórica, como também uma verdade poética e, ainda que o exílio seja um fato, como é descrito em sua obra é sabido, porém que o fato da obra poética é manipulado por Ovídio, já que ele é uma verdade construída pelo poeta, se não é assim, então não se tem poesia.

Suas escrituras de desterro são consideradas por muitos críticos como precursora da literatura do exílio na tradição ocidental. Na visão de Avellar (2018, p. 89) é “ainda mais instigante pensar a fixação da figura de Ovídio como exilado, pois isso suscita reflexões sobre como uma obra poética pode ser capaz de interferir na constituição da imagem e da vida de seu autor”. Partindo desse princípio, vale ressaltar a importância da obra literária e sua função mito-criadora, porquanto assinala Claassen segundo Avellar:

a criação do mito do exílio é um triunfo poético. Ele demonstra o poder da poesia em construir mundos e formar uma imagem em torno do autor. Evidência disso é Ovídio, até hoje, ser associado à figura de exilado. Esse “mito”, porém, não se esgota nas elegias ovidianas: ele foi aos poucos sendo desenvolvido pela recepção posterior da obra. A cada retomada da temática do exílio por autores posteriores, a cada nova obra do gênero lírica de exílio, também a poesia ovidiana se renova e é ressignificada, ao ser relida e reinterpretada em outros contextos (AVELLAR, 2018, p. 89).

O quadro temático que se delineou em Ovídio com suas escrituras de desterro. Achou-se repleto de males da ausência, reflexo de tamanha expressividade e sentimentalismo. Ovídio; o relegado continua sendo símbolo de quem sofreu como quem busca a morte, se assim se pode dizer, e em cada nova produção da temática exílica, séculos após séculos, é inegável a intertextualidade, o encontro com o poeta desterrado.

A literatura acredita que a história também é tecida a partir dessas inúmeras experiências de exílio, sejam elas de memórias coletivas ou individuais (QUEIROZ

1998, p. 15). Mas por que o cantor do exílio consegue estar presente mesmo após vinte séculos? Em outra época, em um contexto histórico diferente, com outros valores e costumes?

Afirma ainda Queiroz sobre o que torna essa temática ser revisitada constantemente, o que nos faz entendedores desse sentimento tornando possível o contato com autores de séculos atrás:

O mundo bem olhado, a felicidade chama atenção. Ruidosa (antigamente se dizia), a alegria nos separa. A euforia do poeta, que encontra a rima que lhe faltava não é igual à de quem ganhou na loteria; nem da mulher que é eleita para o Senado à da *Miss Mundo*. O infortúnio, sim, nos une e nos iguala-la (QUEIROZ, 1998, p. 16).

O infortúnio une as pessoas, ultrapassa a temporalidade, uma vez que o mal que assolou a Ovídio assombrou a muitos outros em condições semelhantes na posteridade. Assim sendo, “o conhecimento e a experiência do infortúnio é que solidariza, nos males da ausência, aqueles que os padece (QUEIROZ, 1998, p. 17). Tendo em vista isto, nossa reflexão nos conduz a pessoa, como também ao poeta, Gonçalves Dias. Sem sombra de dúvidas, que falar em Gonçalves Dias é nos remeter a um legado de nacionalidade americana nascente e dos conflitos que viveu com ela. Talvez, por esse motivo, que a obra do autor tenha tido tanto alcance, porque a cada retomada de sua obra, Gonçalves é ressignificado como poeta nacional, uma vez que sua relação com a pátria é peculiar, por vezes expressa amor e saudade mas também estranheza e solidão.

O Romantismo foi responsável por parir o poeta que para Sodré segundo Grizoste “soube cantar o índio, a natureza, soube também cantar a saudade, o exílio, o mal de amor, com uma força que poucas vezes a língua conheceu tão grande, e certamente nem uma vez maior” (GRIZOSTE, 2011, p.18). Muito tem sido falado sobre a poesia do poeta, sua *Canção do exílio* está nas linhas do hino nacional brasileiro e também na *Canção do expedicionário*, bem como na “ponta da língua” de grande parte da população brasileira. O que não se costuma olhar, de fato, é para os aspectos que influenciaram o poeta a expressar tamanho sofrimento seja na sua poesia, seja em suas correspondências, desta maneira sua obra é vista, tão somente, como produto do movimento Romântico. Segundo Lima (2015) na sua dissertação “Dialéticas de exílios e nacionalismo em Gonçalves Dias” a autora revisita as obras do poeta e traz uma investigação das experiências exílicas decorrentes de suas inúmeras viagens, declara que a forma de Gonçalves Dias entender e de atribuir valores aos lugares é resultado do

seu olhar como exilado, em virtude disso, a bagagem literária do poeta torna-se reflexo da condição social a qual foi submetido.

O poeta mestiço sentiu na pele as sequelas do peso de sua origem num país à margem da soberania lusitana, a exemplo disso, tem-se uma poética constituída como uma perfeita representação de si e dos males que o assolavam. Segundo Veríssimo de acordo com Grizoste:

Gonçalves é um dos raros, se não foi o único, dos nossos que, com os dons naturais para o ser, a vida fez poeta. Não foi a moda, a retórica, a camaradagem, a presunção, nem sequer algum estímulo vaidoso, interesseiro, ou sequer patriótico, que fizeram de Gonçalves um poeta, mas sim a dor e o sofrimento (GRIZOSTE, 2011, p. 53).

A dor e o sofrimento nu é quem faz de Gonçalves Dias este nome, este sentimento. Concebido à custa de lágrimas e solidão, o poeta viajante faz das suas experiências a forma de interpretar o mundo a sua volta, o mundo oitocentista, um Brasil que traz nas veias anos de exploração e abusos, um povo que busca seus primeiros indícios na procura por uma identidade que represente tal como é, um povo sangrado.

Segundo Carlos Ascenso André, Gonçalves Dias:

Olhou o “seu” povo e a “sua” terra; e olhou o português, essa outra raiz de onde vinha, fundador do país e da nacionalidade e, ao mesmo tempo, portanto, libertador e colonizador desse mesmo povo e dessa mesma terra. E, na hora da escolha, pesou mais o húmus, o mesmo é dizer, a sua alma brasileira, mesclada de sangues e de raças, mas fiel à força da terra-mãe (ANDRÉ, 2011, p.11).

Embora vivesse uma espécie de dualidade, onde se misturavam a figura do colonizador, assim como a do colonizado, o poeta mantinha-se ligado com a terra-mãe, “trazia do exílio uma consciência de que havia uma diferença entre o brasileiro e o europeu que era preciso demarcar na nascente literatura brasileira, mesmo que se utilizando de uma ideologia e de um estilo europeus – o Romantismo” (LIMA, 2015, p. 24). O contato com a cultura europeia proporcionou-lhe erudição, todavia, a vida era repleta de conflitos pessoais que interviam na vida do poeta. Pode-se dizer que são essas experiências que vão moldá-lo e direcioná-lo a refletir sobre o exílio em sua obra poética. E em suas cartas, vê-se um homem que padece com as adversidades de uma terra recém-independente, estando nela ou não, vive esses conflitos.

Portanto, são exílios e situações distintas, no caso de Ovídio, o poeta é banido de sua pátria para uma terra bárbara e em suas elegias é latente o desejo do eterno regresso a terra natal, onde seu sofrimento baseia-se por estar fora de casa em relação ao que

deixou para trás. Para o poeta clássico colocar aos pés novamente na terra que tanto amava não é possível restando-lhe dor e lamento que se transforma em elegia. Gonçalves também faz do fazer poético seu acalento na angústia, mas seus exílios refletem outras condições, embora não tenha sofrido o banimento, não quer dizer que não tenha tido motivos para partir e voltar tantas vezes. E é aí que está a grandeza do sofrimento do exílio, segundo Said (2000, p. 54-55) para além dos muitos sentidos que carrega a palavra exílio é, sobretudo, como uma forma de (mal-) estar-no-mundo, que caracteriza e explica o sentimento de não adaptação no mundo, revela ainda que tal atitude teria sido preconizada, de certo modo, pelos românticos.

O exílio como um lugar literário, seja o desterro, ou a solidão propriamente dita, ou quaisquer que forem as outras formas de exílio, sempre é capaz de gerar algo, marcas, aprendizados, morte ou poesia. O infortúnio é capaz de igualar e solidarizar as pessoas. Consegue aproximar universos distintos, como é o caso de Ovídio e Gonçalves Dias. Os poetas em Exílio, embora diferentes, manifestam semelhantes sintomas. Neste trabalho é através de suas cartas e poesias que pretendemos chegar a uma reflexão sobre os males da ausência, na antiguidade, como também no Romantismo.

CAPÍTULO II: O GÊNERO EPISTOLAR

2.1. ENTRE A ÉPICA E A LÍRICA: O GÊNERO EPISTOLAR DE OVÍDIO

*Accipe quo semper finitur epistula uerbo,
Atque, meis distent ut tua fata, uale!*²

Ovídio

Manuel Alexandre Junior apresenta o gênero da seguinte forma na antiguidade:

O termo *epistole* (epístola ou carta) refere-se originalmente a uma mensagem oral enviada por um arauto ou mensageiro. Mas acabou por se aplicar sobretudo aos documentos escritos enviados por alguma entidade ou instituição a um destinatário específico. O verbo *epistellein* significava simplesmente ‘transmitir ou enviar uma mensagem’, dar ou receber ordens por escrito (ALEXANDRE JUNIOR, 2015, p. 167).

Inúmeros escritores assinalaram sua composição utilizando-se da estrutura epistolar: Cícero, Sêneca, Plínio – o jovem são grandes nomes da epistolografia latina. Lúcia de Sá Rabello afirma que as cartas ultrapassaram as dimensões simples de comunicação particular e aponta para uma gama variada de cartas encontradas em Roma “carta privada, carta pública, carta oficial, carta aberta, carta doutrinária ou científica, carta proêmio ou de dedicatória, carta poética” (2007, p. 22). Segundo a autora, a carta poética foi muito cultivada em Roma, porquanto se tratava de uma epístola em verso, de conteúdo variado, sempre dirigido a uma determinada pessoa, Horácio e Ovídio foram grandes divulgadores da carta poética.

Presente nos textos do poeta clássico, a carta firmou-se para além da elaboração retórica e um veículo de comunicação pessoal, uma fronteira com o terreno literário latino. A partir de Horácio em tom mais familiar favoreceu a diversidade de conteúdo e de forma, tal qual a variedade de temas, como nos mostra Rabello (2007, p.22) que “vão desde um simples convite para jantar ou uma recomendação, até questões filosóficas, declarações de amor ou frios comunicados oficiais”. Em vista disso, revelaram-se aptas a maior seriedade na observação do mundo (CARDOSO, 2011, p. 113).

Rabello (2007) acrescenta ainda a indagação sobre literariedade da carta, uma vez que reflete uma circunstância e também faz uma encenação através de um discurso que não é aquele do ensaio, do romance, nem da poesia e, declara que “Por meio desse gênero, alguns autores acabam criando a sua marca, o seu estilo de se manifestar ao outro, o destinatário de seu discurso” (RABELLO, 2007, p. 22). Assim é que Zélia de Almeida Cardoso afirma que:

² "Recebe a palavra com que sempre se encerram as cartas, / E, para que teu destino seja diferente do meu: “Fica bem!””. Trad. Prata (2007, p. 409).

Tal atitude faz com que a carta, em Roma, mesmo quando escrita com finalidade explícita de transmitir informações ou solicitar notícias, tenha, não raro, elementos literários, funcionando não apenas como objeto útil mas também como texto escrito em cuja elaboração o material estético foi utilizado (CARDOSO, 2011, p. 200).

Ovídio, sem sombra de dúvidas, foi um poeta que inovou em seu tempo. Iniciou seguindo a tradição elegíaca iniciada por Catulo e, ganhou notoriedade com suas elegias eróticas como *Amores* e *Ars amatoria*, mas foi ao compor as *Heroides* que o poeta inovou a questão do gênero em relação aos outros poetas elegíacos do período augustano. Segundo Silva:

Nas *Heroides*, Ovídio aborda não mais, como Tibulo, Propércio e ele mesmo nos *Amores*, a temática da própria paixão e sim os amores de outras personagens. Nessa obra, Ovídio dá voz às heroínas e aos heróis do mito ou da história para demonstrarem em seus versos a dor da separação de seus amados ou amadas. Neste sentido, esta obra remonta à noção própria da elegia, pois apresenta um tom épico, estando, portanto, no limiar entre épica e lírica (SILVA, 2013, p. 101).

Por isso Ovídio é considerado, por muitos estudiosos, como grande inventor do poema epistolar mitológico. Como nos diz Kenney segundo Silva, “Para este novo gênero não havia um único modelo grego ou romano. Sua originalidade, por conseguinte, como na mesma elegia amorosa, consistia na mescla de elementos existentes procedentes da tradição literária e retórica” (SILVA, 2013, p. 102). Desse modo, “As *Heroides* de Ovídio fundam um novo gênero na poesia latina, pois não eram somente elegias, mas foram escritas em forma de carta” (SILVA, 2013, p. 102). Pois, embora já tivesse tido epístolas que se equivalessem de histórias amorosas mitológicas, como faziam os alexandrinos, ou como fez Virgílio na Eneida dando voz a Dido, como também a Córidon na sétima bucólica. A originalidade de Ovídio, portanto se dava pelo fato de que o poeta utilizou-se da estrutura epistolar para dar voz às personagens mitológica. Segundo Jacobson, Ovídio “foi o primeiro a perceber que isto poderia ser visto não como um fenômeno isolado, mas como uma categoria de poesia nela mesma” (SILVA, p. 102).

O fato é que o evento de seu desterro vai moldar os novos rumos dos versos de sua poética. Ovídio, o relegado, novamente se equivale das fusões de gêneros, elegíaco e epistolar como nas *Heroides*. Porém, no degrado transcreve o seu próprio sofrimento em cartas, não mais exclusivamente o sentimento amoroso como em *Amores*, não mais o amor das personagens mitológicas como nas *Heroides*. O principal conteúdo de seus versos em suas epístolas elegíacas será o lamento por ter sido arrancado de sua pátria, de perto de sua família e de seus amigos. Contudo, por se tratar de exílio e poesia, ainda

podemos ver o sofrimento amoroso do poeta em relação à falta de sua amada esposa, bem como perceber as imagens mitológicas que Ovídio remete-se em suas obras para dar ênfase ao seu sofrimento. Desse modo, consuma-se uma produção literária diversificada e original, como bem assinala Vega que “tudo o que Ovídio escreveu e inovou é o resultado de seu uso novo ou revolucionário de materiais e temas tradicionais” (GROSSO, 2015, p. 31).

A caminho de seu degredo Ovídio escreve então, o *Tristia* (8. d. C.) e *Epistolae ex Ponto* (12 -16 d. C) quando já fixava residência no litoral Gético. A fusão de gêneros feita pelo poeta enaltece o grande valor da sua obra. Estudos como de Natalia Cristina Grosso (2015) busca aludir ao material poético das cartas e não se limita a uma análise numa perspectiva apenas de caráter biográfico.

o estudo do exílio como material poético, ou seja pensado na maneira pela qual Ovídio constrói sua obra, torna possível vislumbrar um outro olhar para tais poemas que não o puramente autobiográfico, o que nos possibilita obter interpretações mais enriquecedoras para os textos do que aquelas apresentadas por uma leitura plana e superficial dos versos (GROSSO, 2015, p. 18).

Visto que, “antes de serem um tipo de autobiografia, são poesia e, como tal, merecem um tratamento que leve em consideração sua estrutura poética” (PRATA, 2002, p. 38). Grosso comenta também acerca do caráter elegíaco fundido com epistolar, relata em seu texto que, embora a *Epistulae Ex Ponto* nos leve a nominá-la como gênero epistolar pelo seu título, dado sugestivamente pelo escritor, a obra possui mais características de elegia do que o *Tristia*. Este por sua vez possui mais características do gênero epistolar. Seria algo feito propositalmente pelo poeta, apesar de que a autora não exclua o caráter epistolar da *Epistulae Ex Ponto*, tampouco o elegíaco de *Tristia*, dessa forma, constituem-se em obras que eram ao mesmo tempo cartas e poesias (GROSSO, 2015).

Na percepção de Michael Von Albrecht segundo Grosso “Ovídio é um mestre da transposição de gêneros, que o faz de forma sutil e elegante, sem quebrar os limites dos mesmos” (GROSSO, 2015, p. 23). Em *Tristia* e *Epistulae Ex Ponto*, seu tema passa, então, a ser os infortúnios de um exilado distante da pátria. “o poeta fala de sua viagem, descreve o país inóspito em que se encontra e se dirige a amigos e conhecidos protestando sua inocência e lamentando-se de sua sorte” (CARDOSO, 2011, p. 86). E uma vez que “O exílio é um tema filosófico e político que se transforma em poético, como uma espécie de purgação” (REIS e SILVA, 2015, p. 48). Ovídio não quer apenas um trabalho sofisticado de transposição de gêneros para compor seus versos. Deseja

também transcende-lo (GROSSO, 2015), por isso equivale-se, também, de um tom queixoso cheio de dor e lamento bem a estilo elegíaco tradicional romano explorando, desse modo, as nuances do subjetivismo e do sentimento de exílio.

2.2. *QUERES DIÁRIO EM VEZ DE CARTAS: AS CORRESPONDÊNCIAS DE GONÇALVES DIAS*

Creio em Deus que as minhas cartas, mas só as que te escrevo terão de passar a posteridade como o monumento mais caprichoso do seu gênero

Gonçalves Dias

Para Foucault (2004) as cartas, além de serem uma forma de se revelar ao outro, são igualmente um meio de conhecimento de si mesmo. Foucault, valendo-se de um conselho de Sêneca a um amigo, nos diz “que é necessário adestrar-se durante toda a vida, e o de que sempre se precisa da ajuda de outro na elaboração da alma sobre si mesma” (FOUCAULT, 2004, p.154). Portanto, “isso significa que a carta é ao mesmo tempo um olhar que se lança sobre o destinatário (pela missiva que ele recebe, se sente olhado) e uma maneira de se oferecer ao seu olhar através do que lhe é dito sobre si mesmo.” (FOUCAULT, 1983, p. 156). Assim sendo, a figura de Ovídio como poeta exilado que se repercute tão grande na posteridade deve muito aos diversos olhares que há muito foi lançado às suas cartas, bem como os olhares lançados às cartas de Gonçalves Dias.

A carta privada foi um dos tipos de carta descrito por Rabello (2007). A autora fala sobre essas cartas, exemplificando com o caso de Cícero, e enfatiza que foram, na sua grande maioria publicada, ainda que não tenha sido este seu objetivo primeiro. Atualmente, muitas correspondências pessoais da vida de personalidades importantes estão em domínio público. Este é o caso do nosso poeta em questão, Gonçalves Dias. Uma vez que estava sempre em movimento, Gonçalves escreveu muitas cartas endereçadas a amigos, colegas e familiares. Esse vasto material epistolar do escritor foi recolhido e é hoje fundamental para compreensão de sua vida e obra.

Fernandes (2018) no seu texto *Um poeta nacional: memória e construção de identidade nas narrativas autobiográficas de Gonçalves Dias* analisa de que formas as correspondências do poeta vieram a compor e fixar a memória de Gonçalves Dias como poeta nacional. Segundo a autora “além da possibilidade de enxergamos a intimidade do indivíduo pesquisado, entendemos que as cartas são também um meio para acessar mecanismos, deliberados ou não, de criação de memória e imagem deste indivíduo” (FERNANDES, 2018, p. 271). Poeta, dramaturgo, etnógrafo e historiador, Gonçalves

Dias em tempos diferentes de sua vida criou e recriou imagens de si. Isso porque entende-se que o sujeito se constrói ao mesmo tempo em que se mostra ao outro, numa relação dialógica que modela a narração de si (FERNANDES, 2018, p. 271).

As cartas Gonçalves corrobora para escrita do eu, uma procura constante pela existência que quer ser situada no mundo. Brigitte Diaz na sua obra *O Gênero Epistolar ou o pensamento Nômade* afirma que mais do que “o espelho da alma” as cartas também são o espelho do outro. Pois quem escreve fala a outro, estando sujeito às idealizações do outro (Diaz, 2016).

Semelhantemente certifica Silviano Santiago “no mesmo movimento em que o sujeito se abre ao outro para que este o conheça, ele também se dá a conhecer a si por si mesmo” (SANTIAGO *apud* FERNANDES, 2018, p. 275). Nesse princípio “a carta seria, segundo o autor, um misto de diário íntimo e de prosa de ficção” (FERNANDES, 2018, p. 275). Gonçalves Dias registra em suas cartas o seu drama diário, todos os infortúnios que o perseguem. Seus dilemas humanos transcendem e misturam-se revelando mais do que um simples meio de comunicação, segundo Brigitte Diaz “a carta investe-se de uma função diarista; é, ao mesmo tempo crônica de uma vida e registro de alma. A conjunção dessas duas formas de escrita de si – carta e diário” (DIAZ, 2016, p. 88).

Na concepção de Andréa Camila de Faria Fernandes sobre as cartas de Gonçalves Dias em relação à memória e construção de identidade

Tal como um diário íntimo, elas tinham a função de registrar sua vida, guardar sua memória, compartilhar suas experiências e impressões de mundo. Para nós elas eram também uma forma de construção de memória e imagem de si, uma vez que ao narrar-se para o outro Gonçalves Dias, deliberadamente ou não, editava sua vida através da escrita e com isso criava para si mesmo uma representação de identidade (FERNANDES, 2018, p. 276).

Segunda a autora o epistológrafo tinha consciência da grandeza de seu gênero, pois o mesmo escreveu ao seu amigo Teófilo: “creio em Deus que as minhas cartas, mas só as que te escrevo terão de passar a posteridade como o monumento mais caprichoso do seu gênero” (1848, jul. 26, carta a Teófilo, in CORRESPONDÊNCIA ativa, 1964, p. 108).

José Castello (1999) se referindo acerca das correspondências de Mário de Andrade, diz que o escritor reconhecia muito bem a falsa naturalidade que caracteriza a correspondência entre escritores. Fingindo que escrevem para um dado amigo, eles sabem que seu verdadeiro interlocutor é a posteridade. Gonçalves Dias como poeta

exímio que foi ainda elaborou suas memórias para o porvir. Além de suas obras poéticas mostrou-se igualmente em seu diário íntimo, principalmente em cartas endereçadas ao seu destinatário/amigo Alexandre Teófilo:

Queres diários em vez de cartas, - queres a minha vida com todos os seus acidentes, em vez de quatro frases insípidas, que para estranhos serão boas, mas que para amigos não basta: tens razão; eu mesmo estimo que assim seja. Se algum dia me acontecer perder a memória, poderei afoitamente ir ter contigo, e dizer-te: “Meu amigo, conta-me a minha vida em tal tempo”. Tu sacaras então de um enorme calhamaço e principiarás com ela, levando-a sem lacunas de cabo a rabo (1846, out. 25, carta a Teófilo, in CORRESPONDÊNCIA ativa, 1964, p. 56-57).

Segundo Faria “Recuperar uma lembrança, especialmente uma lembrança autobiográfica é criar uma memória, uma identidade, e esse movimento nos permite vislumbrar algumas das estratégias de criação identitária” (FARIA, 2012, p. 160). Essas correspondências revelam-se especialmente importantes para reafirmá-lo como emblema do poeta exilado romântico. Uma vez que nelas, o poeta explora uma abundância em dores dos males de ausência em diferentes locais. A cada lugar forma-se um novo olhar sobre aquele local, a cada ida e vinda, já não é o mesmo olhar de dantes, afetando a pessoa do poeta. E esse sentimento não fica apenas nas queixas destinadas aos seus correspondentes, reflete-se em sua literatura e na memória nacional a imagem de um poeta que sofreu tanto quanto uma pátria nascente. Teófilo é um destinatário querido, poderia um dia contar-lhe toda a vida. Visto que sua escritura pessoal é uma tessitura de si para si mesmo como para o outro. Conforme Matilde Demétrio dos Santos:

a correspondência do poeta maranhense cria uma ficção de muitos aspectos, em que o eu revela seus desejos mais profundos, confessa sua amargura em não poder concretizar seus sonhos amorosos e intelectuais, se queixa e se afunda na angústia e no pessimismo. O remetente é alguém em permanente estado de espera. Deseja uma chegada, uma volta, um sinal nebuloso, um milagre que transforme sua vida dolorosa (SANTOS, 1998, p. 8).

Haja vista que “a memória individual só pode sobreviver se encontrar eco na memória social, coletiva” (FERNANDES, 2018, p 273). Ao retomarmos as memórias de nomes relevantes da literatura como Ovídio e Gonçalves Dias, se torna impossível não lançarmos um olhar para o mal que alcançou ambos os poetas, de maneiras distintas e em épocas distintas. Mas ao mesmo tempo próximas porque o infortúnio aproxima. As experiências exílicas mudaram e moldaram aspectos da vida e obra dos poetas. Gonçalves Dias deixou claro quando em um de seus muitos momentos de descontentamento com a vida, remete-se à figura do poeta relegado usando sua imagem como símbolo de força a seu amigo “Quanto aos teus pequenos rendimentos — lembro-

te aquele verso de Ovídio — que tem tantas aplicações — e em todas verdadeiro — em que o Poeta fala do regato que a cada instante adquire novas forças. *Vires acquirit eundo*”³ (1845, jan. 5, carta a Teófilo, in Dias, 1964, 36). Ovídio falou a Gonçalves Dias, porque se tornou símbolo de exílio e poesia em seu século, uma relação que o poeta brasileiro conheceria em seu tempo. Desta maneira, busca-se mostrar o mal de exílio nas cartas dos poetas, revalidando a literatura que se mantém viva e fala tão humanamente aos pósteros.

³ O verso está na *Arte de Amar* 2.343, e originalmente é “*Nascitur exiguus, sed opes acquirit eundo*” que o Dr. Carlos André traduziu por “nasce bem delgado, mas ganha forças, à medida que avança”. Embora a frase não seja a mesma do verso, pois ele insere aí um “vires” e torna uma recriação da frase, dando outra tradução. *Acquirit* é verbo da 3ª pessoa do singular, *eundo* um gerundivo e neste caso ablativo, a adição do Gonçalves Dias está no “vires”, que deve ser a 2ª pessoa do singular, do *vireo* (pois não faz sentido ser do *vis*) neste sentido podia-se traduzir: “vigoras, a medida que avança” (Nota do professor orientador, Weberson Grizoste).

CAPÍTULO III: EXÍLIO COMO LUGAR LITERÁRIO

3.1 O EXÍLIO NAS EPÍSTOLAS OVIDIANAS

*Inuenies aliquem qui me suspiret ademptum
Carmina nec siccis perlegat ista genis⁴*

Ovídio

Ovídio utiliza-se de uma rica elaboração retórica para se mostrar como poeta exilado. Para além de uma narração de cunho apenas biografista, a poesia de exílio do sulmonense apresenta uma *persona* poética que nos leva a confundi-lo com o autor empírico, configurando-se num jogo poético manipulado por Ovídio (SANTOS, 2015, p. 29). No entanto, é esse jogo poético de Ovídio que nos chama a atenção. A figura do poeta exilado é viva, é forte e transcende ao tempo num espaço de mais de 2000 anos, nos remetendo ao exímio sofrimento de um exilado, como veremos em *Tristia e Epistolae Ex Ponto*:

No ano 8 de nossa era, Públio Ovídio Naso (43, A. c – 17-18, d. C) era banido de Roma para Tomos⁵. Seu exílio é considerado um grande mistério desde a antiguidade clássica. Sua pena atribuída por Cesar, *Quippe relegatus, non exul dicor in illo* (Tr. 2. 137) *Porque sou nele chamado relegado, e não exilado*. Embora seja de *Relegatus*, a *persona* poética se considerava *Exilium*. Como analisado por Prata em seus estudos acerca do exílio ovidiano “a expatriação de Ovídio não se configura como um *exilium*, mas sim como uma *relegatio*, uma vez que o poeta não perdeu sua cidadania e seus bens não foram confiscados” (PRATA, 2007, p. 117). Dessa forma, embora Ovídio tivesse sido banido para um lugar distante, nos confins do império romano, permanecia sob a tutela do governo.

Ao se reafirmar propriamente como um exilado em suas epístolas elegíacas, o eu poético veste-se de uma máscara de exilado para intensificar seu sofrimento expressando angústia, solidão, saudade, entre outros males que assola um desterrado. Iniciamos vendo o poeta lidar com a separação de sua terra natal. Distante do solo pátrio sente os primeiros impactos do isolamento, pede que seu livro vá aonde já não podes mais ir.

*Parue – nec inuideo – sine me, liber, ibis in Urbem:
Ei mihi! quod domino non licet ire tuo.
Vade, sed incultus, qualem decet exulis esse* (Tr. 1. 1, 1-3).

Ó meu pequeno livro – e não invejo – irás a Roma sem mim:

⁴ Encontrarás alguém que chore minha perda /E não leia esses teus versos com os olhos secos. Trad. Prata (2007, p, 123).

⁵ Localizada na foz do rio Danúbio, perto do mar negro, onde atualmente está Constança na Romênia.

Aonde, ai de mim! a teu senhor não é permitido ir.
Vai, mas sem ornatos como convém ser o de um exilado.

A caminho de Tomos o poeta relata com grande melancolia os primeiros momentos daquilo que seria o seu martírio. Seguindo a sentença de Augusto, Ovídio parte para o seu degredo. Diante do frio e de um quase naufrágio, o poeta desterrado lamenta-se por seu destino queixando-se de não compor mais como dantes, pois os infortúnios de partir da forma que partiu pesavam sobre seus versos.

*Carmina proueniunt animo deducta sereno:
Nubila sunt subitis tempora nostra malis.
Carmina secessum scribentis et otia quaerunt:
Me mare, me uenti, me fera iactat hiems.
Carminibus metus omnis abest: ego perditus ense
Haesurum iugulo iam puto iamque meo (Tr. 1. 1, 39-44)*

Os versos nascem de um espírito sereno:
Minha existência se cobriu com nuvens de repentinas desgraças.
Os versos desejam o isolamento e o ócio para serem compostos:
Atormenta-me o mar, os ventos e o impetuoso inverno.
Qualquer temor afasta a poesia: eu, destruído,
Temo, a todo momento, uma espada encravada na minha garganta.

A estudiosa do exílio ovidiano, Júlia Castilho Batista Avellar apresenta as diversas texturas do Eu nos *Tristia* de Ovídio e afirma que “Nasão exilado transfere a voz poética à sua própria obra e, transformado nela, permanece até hoje vivo graças à literatura” (2015, p. 215). A autora estuda as mais variadas *personae* assumidas por Nasão na construção do jogo ficcional em sua poética, podendo se metamorfosear em bárbaro, poeta fracassado, anti-herói épico, todas as faces assumidas pelo poeta nesse jogo literário representam-no como um exilado.

Nos versos supracitados, o poeta veste-se da aflição do herói virgiliano. Por não estar em uma condição favorável para seguir viagem e nem para compor o acalento que lhe resta, lamenta-se e atribui aos deuses a tempestade, como também roga aos deuses favoráveis que cessem a tempestade e lhe conservem a vida, tal qual como na *Eneida*. Conforme Patrícia Prata (2007) há um intertexto épico entre o infortúnio de Ovídio na passagem de tormenta marítima e Eneias “a descrição da procela ovidiana é semelhante à do canto I da Eneida: ambos os protagonistas são surpreendidos em meio à viagem para o exílio por uma terrível tempestade, provocada pelos ventos e aplacada pelos deuses” (p. 55). A personagem elegíaca teme a tempestade, mas não se entrega a ela. Buscando ser atendido em meio às súplicas, consegue tal feito, apesar da postura lamentosa, sob o emblema heroico “às avessas”, pois sua *persona* torna-se um misto de características épicas e elegíacas, como aponta Prata (2007) percebe-se uma postura

que, ora mantém viva a esperança de ser atendido, ora parece crente de sua morte. No malogro do poeta a clemência dos deuses pareceu-lhes mais favorável. A súplica que fica, então, é a petição que se abrande a ira do poderoso Cesar.

*Di maris et caeli – quid enim nisi uota supersunt? –
Soluere quassatae parcite membra ratis!
Neue, precor, magni subscribite Caesaris irae! (Tr.1.2.1-3).*

Deuses do mar e do céu - pois o que me restam, senão súplicas?
Parai de destroçar os membros desta nau abalada!
E não vos associeis, suplico, à ira do grande César!

No degredo, o eu-poético sempre se remete a figura de César implorando por clemência, teme por vezes mais a Cesar do que aos deuses, uma vez que roga aos deuses que não se associem a cólera do imperador para que ele não venha perecer. Segundo Prata (2007, p. 72) Ovídio cria para si uma imagem épica, quando se compara ao Enéias que tenta em vão lutar por sua pátria, ambas as personagens sofrem por uma pátria tirada deles.

Sofria Ovídio, ora como relegado que tinha conhecimento de seus erros, agradecido inclusive pela benevolência do imperador por ter-lhe dado uma pena não tão dura, ora protestando inocência e como vítima transformando-o assim em seu carrasco. Vejamos:

*Me quoque, quae sensi, fateor Iouis arma timere,
Me reor infesto, cum tonat, igne peti. (Tr. 1.1 81-82).*

Também reconheço temer as armas de Júpiter, as quais senti;
Julgo-me ferido, quando troveja, pelo raio hostil.

De acordo com Avellar ao comparar a figura de Augusto a Júpiter, o que a principio pode ser visto como lisonja a sua imagem, pois o compara ao poderoso pai dos deuses. Todavia, ao remeter-se a figura divina nota-se um caráter ambivalente, uma vez que se consideramos a severidade que Júpiter pune aos seus, “nesse sentido, o raio de Júpiter, transferido a Augusto, representa a punição destinada a Nasão e se manifesta em uma situação de tempestade, que, metaforicamente, figura exatamente o exílio” (AVELLAR, 2015, p. 39).

Contudo, a *persona* poética também se reconhece como culpada, a fim de conseguir um exílio mais leve. Ao longo de suas epístolas, busca perdão pela sua obra anterior, levando-nos a crer que a atitude do imperador devia-se ao fato de que tal obra fosse imoral. Por isso em suas cartas de exílio reforça seus versos como castos, sempre aludindo a um erro e a uma obra, supostamente a *Ars Amatoria*:

Carmina nunc si non studiumque, quod obfuit, odi, 55

Sit satis! ingenio sic fuga parta meo. (Tr. 1.1, 55-56).

*Non sunt ut quondam plena fauoris erant.
Si quis erit qui te, quia sis meus, esse legendum
Non putet, e gremio reiciatque suo:
“Inspice, dic, titulum: non sum praeceptor amoris;
Quas meruit, poenas iam dedit illud opus.” (Tr. 1.1. 64-68)*

Agora, se não odeio os versos e essa habilidade que me foi fatal,
Que baste! Pois meu engenho é a causa do exílio.

Não são mais tão estimados como foram antigamente.
Se houver alguém que, porque és meu, não julgue
Que devas ser lido e te afaste de seu colo, diz:
“Observa atentamente o título: não sou preceptor do amor;
Aquela obra já suportou as penas que mereceu.

O poeta atribui ao seu talento a sua desgraça. O talento que inúmeras vezes fora aproveitado nos palácios, até mesmo na corte augustana, agora é visto como a causa de seu martírio. Por isso, sempre tenta persuadir seu possível público leitor que esse novos versos já não são como os anteriores e que na realidade sua vida se diferenciava de sua arte.

*Crede mihi, distant mores a carmine nostro
(Vita uerecunda est Musa iocosa mea)
Magnaque pars mendax operum est et ficta meorum (Tr. 2.1. 53-54)*

Crê em mim, minha conduta difere de minha poesia:
A vida é honesta, minha Musa é jocosa;
Grande parte de minhas obras é fantasiosa e fictícia

Por vezes acusa o livro de parricídio, remetendo-se a Édipo e Telégono personagens responsáveis por matar seus pais. Ovídio retoma em várias elegias a imagem de um erro que teria cometido. Contudo, não deixa claro em nenhum momento. Devido a isso seu exílio abre espaço para várias leituras e muitas hipóteses paira sobre este mistério.

Ao construir a imagem de um poeta que por escrever uma obra que infrinja algum código moral governamental e, por isso expulso do solo a qual pertence, Ovídio fala com a posteridade acerca da censura. Segundo Queiroz (1998) ao confirmar-se tal hipótese, teríamos em Ovídio o primeiro poeta condenado ao desterro pela censura, desse modo, temos em Ovídio o mais antigo registro de um poeta ter sido censurado⁶. No entanto, nem mesmo o autor parece convencido de ter sido este o verdadeiro motivo de seu confinamento. Pois nos leva a crer que sua obra é apenas um pretexto para sua

⁶ Leva-se em consideração o período de Ostracismo na Grécia, que vigorou entre 506- 322 a. C. Durante esse período pode ter havido algum banimento por censura. No entanto, desconhecem-se registros. Dessa forma, Ovídio constitui-se o mais antigo registro de um poeta que tenha sido banido por censura.

condenação e é por esse erro misterioso que, na verdade, está pagando. Muitos estudiosos apontam ser um motivo político⁷. Por isso, é ainda mais interessante pensar essa construção ovidiana referente a uma perseguição política, porquanto se trabalha a ideia da liberdade sujeita aos poderosos. Augusto detentor do poder, por qualquer que fosse o erro do poeta e, sentindo-se ultrajado por ele poderia reduzi-lo em uma condição que saberia que seria, para ele, como a morte.

Ovídio no Ponto Euxino no litoral Gético, habitado pelos Sármatas, tem como uma de suas grandes lamentações a falta de sua gente. A ausência das relações sociais mantidas em sua antiga vida é, talvez, a maior entre as suas dores. A ausência o abraçava de todas as formas, não entendia a língua, os costumes e o clima causava-lhe mal. Tudo, absolutamente simbolizava a sua desgraça. Podemos ver nessa faceta do poeta os infortúnios ligados à ausência e solidão devida à falta de seus entes queridos, e por estar em terra estrangeira a qual seus versos não achavam moradas.

*Naso Tomitanae iam non nouus incola terrae
hoc tibi de Getico litore mittit opus.
Si uacat, hospitio peregrinos, Brute, libellos
excipe dumque aliquo, quolibet abde modo. (Pont. 1.1.1-4)*

Nasão, que já não é mais um recém- chegado ao Território de Tomos, envia-te esta obra do litoral gético. Se dispuseres de tempo, Bruto, recebe como Hóspedes estes modestos livros que chegam de uma terra estrangeira e guarda-os onde quiseres.

O eu-poético envia a seu amigo os seus versos, quer que tenham morada em Roma, já que entre os bárbaros jamais encontrariam lar, pois nem mesmo a língua compartilhavam.

*Hostibus in mediis interque pericula uersor,
tamquam cum patria pax sit adempta mihi.
Qui, mortis saeue geminent ut uulnere causas, (Pont, 1, 2, 13-15)*

*aut, ubi decipior melioris imagine somni,
aspicio patriae tecta relictæ meae
et modo uobiscum, quos sum ueneratus, amici,
et modo cum cara coniuge multa loquor.
Sic ubi percepta est breuis et non uera uoluptas,
peior ab admonitu fit status iste boni. (Pont. 1, 2, 47-52).*

Vivo no meio de inimigos e cercados de perigos como se, junto com a pátria, a paz me houera sido arrebatada. (...)

Iludido pela imagem de um sono melhor, contemplo os telhados de minha pátria abandonada me dirijo demoradamente ora a vós, amigos a quem venerei, ora minha esposa querida. Após ter sentido tão efêmero qual irreal prazer, a lembrança desse bem-estar torna-me pior a presente situação.

⁷ Análises de cunho biografista caçam nas entrelinhas de seus dísticos elegíacos os reais motivos de seu exílio, ocasionada pelo *Error*. Não nos fixaremos nele, mas sim no jogo poético que transforma Ovídio símbolo do poeta exilado e precursor da lírica de exílio na tradição ocidental como apontado por Avellar (2015).

No degredo, ao deparar-se com o inóspito mundo dos Sármatas e Getas que lhe roubavam a paz, Nasão, sem público leitor, desemparrado e em meio a barbárie vê-se perdido. Sobre isto salienta Avellar:

essa imagem do exilado se desmembra em outros papéis assumidos por Nasão, que possui, portanto, diversas máscaras. Uma delas consiste no caráter de estrangeiro atribuído ao exilado, já que ele é um romano que vive em Tomos e, ao mesmo tempo, passa a ser visto como bárbaro pelos romanos (AVELLAR, 2015, p. 58).

Para um romano os povos que não compartilhavam de sua cultura eram considerados povos bárbaros⁸. Ovídio no degredo sente-se passar de civilizado a bárbaro, pois agora é ele quem está estranho em uma terra distante. Além disso, por não ser mais digno do solo pátrio e tendo contato direto com o povo de Tomos, é visto, de certa forma, também como bárbaro pelo seu povo.

*Exercent illi sociae commercia linguae:
Per gestum res est significanda mihi.
Barbarus hic ego sum, qui non intellegor ulli,
Et rident stolidi uerba Latina Getae (Tr. 5. 10. 35-38).*

Fazem uso de uma língua comum:
É por gestos que me faço entender.
Aqui o bárbaro sou eu, eu a quem ninguém compreende,
E os getas estúpidos riem-se das palavras latinas;

Na perspectiva de Avellar:

No entanto, ao se considerar bárbaro em meio aos getas, pode parecer que, a princípio, o eu-poético inverte os valores romanos e os aplica às avessas, como se ele próprio é que fosse incivilizado nessa outra sociedade, regida pelos costumes getas. O que se efetua, porém, é muito mais a transferência e a aplicação da visão de mundo romana aos povos estrangeiros. O geta que considera um romano bárbaro, na verdade, o vê com olhos de romano. Afinal, são os romanos que julgam bárbaros os estrangeiros que não falam sua língua. Assim, ao operar essa transferência de valores, evidencia-se não uma descrição dos povos segundo sua cultura mas a imposição de uma visão de mundo tipicamente romana a eles (AVELLAR, 2015, p. 66).

Desta forma, a personagem se reafirma como romano incutindo em sua imagem a figura de estrangeiro em terra bárbara. Conseguindo representar a figura do desterrado nato, do exílio imposto contra sua vontade revelando um amalgama de dores

⁸ É certo que Ovídio utiliza-se da figura do bárbaro para se reafirmar como estrangeiro em uma terra que não reconhecia como sua. Mas cabe-nos ressaltar que essa figura de bárbaro incivilizado colocada pelo poeta refere-se a um período de dois séculos atrás da época de Ovídio em que o latim era considerado *barbarus*. Como disse Plauto: *Philemo scripsit, Plautus uortit barbarae*, em “O homem das três moedas” e isto traduzido é “Filémon escreveu, Plauto verteu para o bárbaro” – e qual era o bárbaro? O latim! E isso se repete na “Comédia dos Burros”: *Demophilus scripsit, Maccus uortit barbarae*, isto é, “Demófilo escreveu, Maco traduziu para o bárbaro”. Ovídio nos Amores 1.7.19 *Quis mihi non 'demens!' quis non mihi 'barbare!' dixit?* “quem me não chamou de louco, quem me não chamou de bárbaro?”, também pelo seu contemporâneo Propércio 2.16.27 *barbarus exutis agitat uestigia lumbis* “eis que um bárbaro expõe seus lombos no mercado” (transcrição de nota do orientador desta monografia, Weberson Grizoste).

inimagináveis. Segundo Said o “exílio nos compele estranhamente a pensar sobre ele, mas é terrível de experimentar. Ele é uma fratura incurável entre um ser humano e um lugar natal, entre o eu e seu verdadeiro lar: sua tristeza essencial jamais pode ser superada” (2003, p. 46). Ovídio revela essa face incurável de um expatriado que almeja regressar ao lar, colecionando sequelas de viver em uma terra indesejada.

O eu-poético ovidiano que antigamente era rodeado por amigos, expõe em seus versos tristes também a ausência desse contato. No limiar entre estar abandonado por seus tantos amigos e acolhidos por poucos que ficaram na adversidade, *adloquor extremum maestos abiturus amicos, | Qui modo de multis unus et alter erat* (Tr. 1.3.15-16) “Prestes a ir, dirijo-me pela última vez a meus tristes amigos, Que, de muitos, eram apenas um e outro”. Demonstra com sua imagem a importância dos laços afetivos nesses momentos de infortúnios, bem como a falta dele se que se torna tão prejudicial para o sujeito exilado.

*O mihi post nullos numquam memorande sodales,
Et cui praecipue sors mea uisa sua est,
Attonitum qui me, memini, carissime, primus
Ausus es alloquio sustinuisse tuo, (Tr. 1.5.1-4).*

Ó tu que nunca debes ser por mim lembrado depois de nenhum outro amigo
E a quem, sobretudo, minha sorte pareceu sua,
A mim atônito, lembro-me, caríssimo, foste o primeiro
Que ousaste confortar com tuas palavras,

Nasão recheou seus versos destinados aos amigos de petições de clemência a Augusto, bem como com pedidos de interseções em seu favor, com intuito de fazer chegar ao imperador seus sofridos versos. É aos amigos, cujas cartas-poemas são endereçadas, é que é atribuído à incumbência de guarda-las, uma vez que não poderiam circular em via pública, pois segundo o poeta sua fama era conhecida por todos. O eu-poético compara essas relações que sobreviveram a sua ruína semelhante algumas amizades de personagens mitológicas gregas. *Oh O mihi Thesea pectora iuncta fide! | Dum licet, amplectar; numquam fortasse licebit!* (Tr. 1.3.66-67) “corações unidos a mim pela fidelidade digna de Teseu! | Enquanto me é permitido, hei de abraçá-los: talvez nunca mais seja permitido”.

A dor da impotência gerada pela separação é ainda mais forte em relação à esposa que fica. A *persona* elegíaca, dentre muito as suas alusões que fazem do poeta um exilado. A separação amorosa é uma das mais dolorosas menções. O poeta que cantava o amor, em exílio constrói uma imagem idealizada de sua esposa em sua literatura de exílio.

Acerca da condição da mulher do exilado na antiguidade romana nos esclarecem Oliveira e Torrão que:

O exílio, em particular, dava origem a uma situação muito especial no relacionamento entre marido e mulher. Ao contrário do que hoje acontece nas sociedades ocidentais, não existiam na sociedade romana partidos políticos, organizações não governamentais ou instituições de caridade que pudessem prestar apoio emocional, político e financeiro a indivíduos que viviam exilados. Era à família e aos amigos mais chegados que cabia prestar apoio ao exilado, defendendo os seus interesses em Roma. Em situação de exílio do *paterfamilias*, os papéis tradicionais de cada um dos membros do casal alteravam-se consideravelmente, em especial o da esposa. Perante a situação vulnerável do marido, ela era obrigada a emergir da esfera doméstica e a assumir uma posição de liderança no domínio público, protegendo os bens da família, patrocinando o regresso do marido à pátria e resolvendo todo o tipo de problemas financeiros (OLIVEIRA e TORRÃO, 2010. p. 146, 147).

Fabia, esposa de Ovídio assume esse papel na esfera pública, configura-se em mulher que é mais do que um símbolo nostálgico da mulher amada. É para o poeta um símbolo de força e um meio de representar e cuidar dos seus interesses em Roma, tanto que o faz. Mas ao se deparar com o banimento do marido quis ir com ele para o degredo:

*Tum uero coniux umeris abeuntis inhaerens
Miscuit haec lacrimis tristia uerba meis:
“Non potes auelli; simul hinc, simul ibimus, inquit,
Te sequar et coniux exulis exul ero.
Et mihi facta uia est et me capit ultima tellus (Tr. 1.3.79-83).*

É então que a esposa, agarrando os ombros daquele que parte, Juntou estas tristes palavras às minhas lágrimas:
“Não podes ser separado violentamente de mim, juntos iremos daqui”, disse, “Seguir-te-ei e serei a esposa exilada do exilado.
O caminho também é feito pra mim e a terra mais remota me acolhe

Contudo, ela não foi a pedido do marido, talvez na intenção de a protege-la, pois o eu-poético teme que possa ser a morte para os dois. De qualquer forma, conservando a vida de sua esposa, ela certamente lutaria por ele na expectativa de estarem juntos novamente em Roma:

*Te mea subposita ueluti trabe fulta ruina est;
Si quid adhuc ego sum, muneris omne tui est.
Tu facis ut spoliū non sim nec nuder ab illis
Naufragii tabulas qui petiere mei. (Tr. 1.6.5-8).*

Por ti, sotoposta como uma trave, minha ruína foi sustentada;
Se ainda eu sou alguma coisa, tudo é graças a ti.
Tu fazes que eu não seja uma presa, nem despojado por aqueles
Que os restos de meu naufrágio almejavam.

Nessa elegia o poeta acena para o caráter público que a sua esposa assumiu na sua partida. Como o poeta aponta para ao fato de que muitos queriam ver a sua ruína. É

ai que entra o papel dessa mulher ovidiana que assume um espaço de fala perante a sociedade patriarcal. Segundo Oliveira e Torrão “era a ela, graças às acções desencadeadas em Roma, que devia o facto de continuar a ser alguém e de não ter sido espoliado por quem queria aproveitar-se de tão crítica situação” (2010, p. 163).

O nosso herói elegíaco refere-se a sua esposa e companheira, devida a sua dedicação e devoção como as grandes mulheres virtuosas, tal qual Andrómaca, Laodamia e Penélope: *Penelopes esset fama secunda tuae, | Siue tibi hoc debes, nullo pia facta magistro* (Tr. 1.6.22-23) “A fama de Penélope seria secundária à tua. | Ou isto a ti deves, tornando-te pia sem nenhum mestre”. Ovídio coloca sua mulher ao lado de figuras femininas presentes na epopeia homérica e virgiliana. Diz poder conferir glória eterna a sua esposa, os heróis narrados propiciaram renome a suas mulheres, uma vez que seu destino é tão cheio de sofrimentos e labutas quanto o deles, e ela, virtuosa como as mulheres dos heróis (PRATA, 2007, p. 85). Por tanto, como o poeta em seu verso disse: *carminibus uiues tempus in omne meis* (Tr. 1.6.36) “Pelos meus versos viverás para todo sempre”. O poeta não só immortalizou a sua esposa, mas ao amor que se manteve vivo ainda que separado e sequelado pelo desterro.

Destarte, ainda apontamos um ultimo aspecto que contribui para enaltecer a figura do exílio ovidiano, a metáfora do paraíso. Se por um lado, Tomos é o seu inferno. Pode-se dizer que Roma é para a personagem elegíaca símbolo de um paraíso, que por sua vez encontra-se perdido por ter caído sob a cólera de Cesar. Como degredado, Ovídio busca de todas as formas o regresso a seu lugar de origem o que acaba por promover a idealização desse lugar, em contrapartida, Tomos é a personificação dos seus males o maior.

Para Paiva (2017, p. 53) o exilado idealiza o paraíso que foi perdido ou é desejável conquistar. “O exilado vive em um movimento de queda, volta e reconquista do paraíso perdido. Essa reconquista é mais significativa do que a conquista. Na maioria das vezes, o desejo de um paraíso não se distingue do desejo de voltar”. Para Ovídio, entendemos que o paraíso estaria no regresso ao seio natal, pois adaptar-se ao novo espaço não considerava opção, preferindo por vezes a morte.

3.2 LÁ E CÁ: O EXÍLIO NA CORRESPONDÊNCIA ATIVA DE GONÇALVES DIAS

*a pátria do poeta é o universo e todos os
homens são seus irmãos*
Gonçalves Dias

É evidente que o poeta Gonçalves Dias é um dos grandes expoentes da literatura brasileira, as suas obras trazem o emblema do nacionalismo recém-descoberto, que luta para se consumir, bem como o sofrimento do mal de amor. Antônio Henriques Leal (1874) ao contar a vida do poeta disse que Gonçalves Dias nasceu com a Pátria, assim como Camões morreu com a sua, tal a importância do simbolismo do poeta para nossa brasilidade.

Conforme Grizoste “o Indianismo enquanto proposta de brasilidade tencionou dar ao homem e ao ambiente americano as mesmas características épicas do europeu, e constituiu, por assim dizer, um movimento literário digno do seu par europeu” (2013, p. 94). Gonçalves Dias ao procurar por uma poesia genuinamente nacional, se deparou com a sua complexa sociedade contemporânea o qual ele era fruto. Passou por diversos lugares e neles lidava com a herança cultural marcada por um profundo dilema de inferioridade refletindo-se em dores, culminando para uma poética cheia de dor e lamento.

Sabe-se pois, que um dos temas mais recorrentes na estética do Romantismo era o exílio. O próprio poeta eternizou essa temática com a *Canção do exílio* que fez estando longe da pátria. Para Marques (1996, p. 6) “ao privilegiar a natureza tropical enquanto metáfora da representação nacional, além de se inserir no tradicional projeto de edenização da natureza local, por si só acabou construindo uma tradição própria dentro das letras brasileiras”. O poeta que cantou a natureza edênica utópica e, sobretudo a pátria sofrida, uma nação emergente, mostrou-se a seus correspondentes em diversas ocasiões de sua vida como um ser exilado. Na esteira do pesamento de Lima (2015) pode-se afirmar que as experiências exílicas que foi submetido ao longo de sua vida, influenciaram efetivamente a sua maneira de atribuir significado para os lugares, pois no seu duplo olhar de exilado fundem-se ideologias do romantismo e do colonialismo refletidas na bagagem literária do autor (LIMA, 2015, p. 10).

Segundo Marques, “a situação de desterro pleno constitui-se num pré-requisito fundamental para o poeta nacional, pois lhe permite, a partir do seu convívio com a diferença, compreender e corporificar literariamente os nossos mais íntimos sentimentos e peculiaridades” (1996, p. 39). Desta forma, tem-se um poeta que está em movimento

materializando essas experiências em literatura, que refletem as aflições de uma pátria recém-independente e suas complexidades. Ou, se é possível dizer, são os infurtúnios de uma pátria recém-independente que levaram Gonçalves a experiências exílicas.

Essas experiências reais de exílio, para além do reflexo nas obras de caráter nacional, podem ser vistas e analisadas através de suas correspondências. Pois, pode-se ver através dos olhos do poeta, todo um amálgama de conflitos e de dores que o acompanhavam. Essas cartas, além de promover um entendimento acerca da obra do poeta, nos proporciona uma compressão referente à pessoa de Gonçalves Dias como exilado. Assim sendo, podemos nos debruçar sobre os males da ausência que o cercava e o moldava.

Lá e cá, ao longo de sua vida, Gonçalves Dias esteve sempre em movimento, embora seus deslocamentos não fossem impostos por uma autoridade, como é o caso do poeta clássico. Como afirma Lima (2015, p. 14), “ importa ressaltar é que o poeta as representava como experiências de exílio e o que este termo significava no contexto de sua obra”. Assim como Ovídio veste a máscara de um desterrado que sofre por uma pátria tirada dele, o poeta romântico sofre com os percalços de inúmeras idas e vindas que revelaram-se verdadeiros momentos de exílios, então cabe-nos ressaltar que foi igualmente importante para sua carreira poética para reafirmá-lo como o poeta nacional. Segundo Renata Ribeiro Lima:

A vivência da separação da pátria se aliou à leitura do exílio romantizado na constituição de representações da terra e dos sujeitos “nacionais por excelência” – os índios – porque foi a partir desses dois processos (exílio vivido e lido) que Dias foi capaz de avaliar a dimensão trágica do legado colonial (LIMA, 2015, p. 58).

Gonçalves Dias olhou para si e colocou-se no lugar dos sujeitos exilados, do negro, do índio e, “por meio da partilha da mesma experiência, em sentido amplo, Dias pôde sentir e fazer sentir as suas dores, a marca da injustiça na história do Brasil” (LIMA, 2015, p. 58). Desajustado, se via como mais uma dessas injustiças de uma pátria nascente. No limiar entre ser brasileiro e ser português vivia, assim, conflitos de identidades, bem como afirma a estudiosa Renata Lima:

há no percurso gonçalvino uma significativa confluência entre representações do colonizado e do colonizador. Essa ambivalência faz com que o poeta exalte tanto a independência quanto o oficial de nacionalidade portuguesa, colocando-se ao lado tanto da nação emergente quanto do seu passado colonial (LIMA, 2015, p. 15).

Portanto, lança-se um olhar acerca desses exílios vividos e sentidos na pele pelo poeta, ora em solo europeu, ora em terras brasileiras, pois os escritos pessoais do poeta demonstram o sentimento de Gonçalves em relação aos lugares. Seus sonhos, seus

planos, sua dores, sua dura e crua solidão e desencanto com o mundo tranparecem a seus correspondentes. Suas cartas, que são hoje fonte de seu estudo biográfico, serão para nós como fontes dos sintomas de exílio que vive um homem à beira de um pós-colonialismo e “se há uma palavra que traduz bem o sentimento daqueles que vivenciam os deslocamentos, as idas e vindas que a condição pós-colonial propõe, e por vezes impõe, esta palavra é o exílio” (SCHMIDT, 2005, p. 96).

Fruto da mestiçagem⁹ que fez do Brasil um país miscigenado. Nasceu em uma terra conflituosa recém independente. Cresceu, então, Gonçalves Dias com o estigma de ser filho ilegítimo e mestiço de um pai português que resistiu à independência, num país que predominava o luso. Como explica Grizoste (2013):

Com base nessa premissa é que voltaremos e partiremos daquela manhã de 10 de Agosto de 1823, o dia em que na quinta Boa Vista em terras de Jatobá, a catorze léguas de Caxias, na então província do Maranhão, numa tosca choupana de folhas de palmeiras semelhante as tijupabas, na mais completa solidão e no sombreado da mata virgem, ao alvorecer de um domingo nasceu Antônio Gonçalves Dias. “Bendita a hora em que nasce um gênio, aqui, ali, além, que importa se a for luz benéfica que esclareça e guie a humanidade?” São as primeiras palavras do terceiro tomo *Pantheon Maranhense* de Henriques Leal; mas o poeta nasceu sob o signo de tensões locais antilusitanas, que iam desde a Independência até a Balaiada. Seu próprio pai lutou em favor da continuidade do domínio lusitano, e por esse motivo é que foi se esconder em Jatobá. Embora o Brasil tenha obtido a emancipação através do príncipe e herdeiro da coroa portuguesa, de Pedro Alcantara (...) Caxias foi ceder-se a nova coroa em 1 de agosto de 1823 (GRIZOSTE, 2013, p. 103-104).

Todavia, o pai pretendia dar-lhe boa educação, com o intuito de estudar em Coimbra partem para São Luis do Maranhão, contudo, o pai já doente, falece. Algum tempo após, quando parte de sua terra para Portugal leva consigo o luto por um pai morto, uma estadia incerta, uma vez que ia depender dos outros para mater-se em Coimbra, bem como o sonho de obter prestígio social. Estas são as primeiras experiências de Dias com a terra natal, que mais tarde somaria grande valor para sua poesia.

Em sua estadia em Coimbra sua percepção de mundo mostra-se um tanto contraditória. Fixava-se num duplo olhar entre estar acolhido na terra de seu pai e estar estranho em uma terra estrangeira. Dirigindo-se a seu caro amigo Alexandre Teófilo, revela o sentimento de solidão por estar distante, mesmo que essa terra significasse para ele algo como uma herança paterna, porém estava em uma terra que não considerava como sua. Assim, é capaz de unir-se à solidão da voz do nauta que ecoava a outras

⁹ Pai português e mãe de pele acobreada (LEAL, 1874, p. 6).

vozes. Pois, além de entendê-las assemelhava-se a deles, uma vez que falava como proscrito a seu amigo.

Eu tinha um princípio de Melancolia, porém agora tem crescido muito. Gosto de passear sozinho e desconhecido pelas ruas desertas e silenciosas de Lisboa. Gosto de desfrutar a viração de uma noite de luar depois de um dia abafado. Gosto de contemplar parte da Cidade — do Cais do Sodré. Os edifícios que se encastelam — e que se desenham majestosos pelo mar, pelas casas circunvizinhas figurando objetos estranhos e gigantescos. Gosto de me embarcar em uma falua — correr o mar, contemplar a lua, que se espelha vacilante na superfície polida das águas. Os navios — que jogam descompassados como o cavalo que escava a terra impaciente de correr — sobretudo a voz do Nauta que ecoa triste na soidão da noite, que acorda mil outras vozes. Eram vozes estrangeiras; mas que importa? Meu coração os entendia — eu também era proscrito como eles, e, como eles, também suspirava por um trêmulo na terra de meus Pais, (1841, jul. 01, carta a Teófilo, in Dias, 1964, 10-11).

A voz, ou nesse caso, o seu silêncio misturava-se a voz de tantos outros que em um navio partem ou chegam a procura de uma “ casa”. É nesses “outros” que Gonçalves vê a si mesmo. O que nos remete a questão da Metáfora viva para Paul Ricoeur segundo Brito Junior, que constitui-se como aquilo que oscila entre o ser e o não-ser:

A metáfora expõe o ser não como aquilo que é (um predicado simples e objetivável, aquilo que supostamente adere à essência do ser), mas sim como aquilo que “mais ou menos é”, ou melhor, aquilo que “aparentemente-é”. Em outras palavras, a metáfora apresenta o ser “como se...”. Apresenta-o não como aquilo que é, mas aquilo que pode ser, aquilo que é “visto como” (BRITO JUNIOR, 2016, p. 28).

Gonçalves apresenta-se como proscrito, embora não tenha sido expulso de sua terra, não no sentido estrito da palavra, o que não o impede de sentir como um. Seguindo o sentido da metáfora de Ricoeur, é (como) um proscrito. Quando se vê distante de sua terra e em meio à solidão e saudade que as ruas de uma pátria distante pode oferecer. Esse sentimento soma-se com fato de não ter tido condições propícias para ter ficado em sua terra, o que favoreceu a sua saída para outro lugar. Então, vemos essa contrução imagética desaguar sobre a figura do emigrante/imigrante. Porquanto, ao sair do seu país torna-se um emigrante, mas dentro de Portugal é um imigrante. Fato que vai também atribuir-lhe uma autoimagem de exilado, uma vez que, se considerarmos que “um exilado é uma pessoa que é obrigada a deixar sua terra natal devido a forças políticas, econômicas ou puramente psicológicas. Não é uma diferença essencial se ela foi expulsa pela violência ou se foi constrangida a deixar a terra voluntariamente” (PAIVA, 2017, p. 38).

Visto que na carta, Dias suspira por um “tumulo na terra de meus pais”. Interpreta-se como uma esperança de que acontecimentos bons ligadas a terra paternal viessem a suceder em sua vida, para que pudesse fixar-se ali. Contudo, viver em Coimbra mostrou-se difícil para o poeta “Aqui estou, meu amigo, nesta terra maldita e aporrinhada — maldita de quanta poesia há no mundo — e aporrinhada quanto aporrinhações podem aporrinhar um cristão” (1843, set. 28, carta a Teófilo, in DIAS, 1964, 20). Os escritos do poeta não demonstram apenas a vida de um sujeito que parte para algures em busca de condições melhores de vida. Gonçalves sofre como um jovem que parte em busca de profissionalização acadêmica almejando uma carreira que, aliás, tornou-se uma das grandes lutas do maranhense.

estarei ou não decidido a continuar por este ano com os meus estudos. O que me pesa é ser este o ano do Bacharel — quando não!! — quando não!! — Brevemente estaria eu no Rio Grande — ou no Rio de Janeiro. Preciso começar a minha carreira (1843, set. 28, carta a Teófilo in DIAS, 1964, 21).

Para o poeta que almejava alcançar o bacharel para iniciar sua carreira encontrava muitos problemas. Pois dependia dos outros para se manter em Coimbra. O que feria profundamente o orgulho do poeta, nesta carta reclama acerca das mesadas que foram suspensa e como isso afetaria sua vida em busca de sua carreira.

é uma necessidade. As vezes eu digo em mim mesmo: que me aproveita ser poeta? — E se não desanimo, crê-me, não é por falta de martírios e pesares. Sem transição — Ando a estudar para compor um Poema — é por agora «a minha obra». Quero fazer uma coisa exclusivamente americana exclusivamente nossa — eu o farei talvez. Já que todo o mundo hoje se mete a inovar — também eu pertendo inovar — inovarei — criarei alguma coisa que, espero em Deus, os nossos não esquecerão (1844, mar. 01, carta a Teófilo in DIAS, 1964, 30).

Gonçalves questiona-se sobre o que lhe aproveita ser poeta se vive-se uma vida de martírios e pesares. Mas mesmo em meio a infortúnios sustem um sonho glorioso de compor algo autêntico americano, o que denominaria de Ilíada brasileira. É no exílio em Portugal que irão sair seus primeiros versos que tematizam sobre o exílio, é nos versos do poeta que vão transparecer o sofrimento por estar fora de casa.

Para o poeta adaptar-se ao novo lugar é um grande desafio. Isso porque não implica apenas a questão da adaptação a um novo grupo, que aliás muitos de seus amigos eram seus conterrâneos. Ao mudar de “casa” leva-se em consideração o que significa “casa” e ainda o que é estar fora ou dentro dela. Segundo Paiva:

“casa” tem várias acepções: pode significar o lugar de residência, de proteção, pode ser um grupo social, uma nação ou um lugar que está ligado estritamente ao tempo de vivência. O que é estar fora de casa? É sentir-se fora do corpo, do círculo social, religioso ou profissional, do partido político, do país, da nação, da poesia (PAIVA, 2017, p. 38).

Segundo a autora quando se caracteriza o exílio como a situação de estar fora de casa, se enaltece os elementos mais básicos constitutivo de morada. Dessa forma, a instabilidade pode surgir pela percepção de se estar fora de casa. Levando-se em conta que morada é um lugar no interior do sujeito (Paiva, 2017, p. 38). Para Dias, a percepção aos lugares é estritamente ligado as circunstâncias:

Triste foi a minha vida de Coimbra — que é triste viver fora da pátria, subir degraus alheios — e por esmola sentar-se à mesa estranha. Essa mesa era de amigos... embora! o pão era alheio — era o pão da piedade — era a sorte do mendigo. Compaixão! é um termo de expressão incompreensível — não a quero (1845, mai. 01, carta a Teófilo in DIAS, 1964, 39).

Em Caxias o poeta relembra ao amigo sua triste vida em Coimbra e toda a luta que passou, relembra o episódio de quando devido a balaiada não recebeu o dinheiro que precisava, fato que fez Gonçalves comer o “pão da piedade”, duro fardo para o poeta. Como é sabido, este era um de seus martírios. Segundo Grizoste (2013, p. 107):

Apesar do privilégio que representava para um brasileiro estudar em Coimbra no século XIX, nunca o acharíamos contente; aliás, dessa cidade haveria sempre alguma queixa; contudo é verdade que tivera em Portugal uma vida bastante atribulada. Somam-se às suas queixas os cortes da remessa de dinheiro por causa da Balaiada, e por fim os infortúnios por causa de uma prima de Gerez que tendo sido abusada por um primo, obrigou-o a ir lavar a honra da família; a demora na resolução fê-lo chegar em Coimbra depois do período de matrícula, de modo que para não ter de esperar um ano inteiro o poeta partiu apenas com o título de Bacharel. Queixoso e resmungão, colecionaria uma quantidade de amigos e admiradores; tanto que não lhe terá faltado um ombro que o servisse de apoio; houve instantes nesta inquirição em que chegamos à precisa opinião de que ele gostava de atrair para si o sentimento de piedade, de vítima através das queixas. Por trás de toda felicidade evidente o poeta maranhense sempre apontaria um rio de consternação.

Em outro momento, ao lembrar sua vida em Portugal já são lembrados não mais como piores dias de sua vida, mas os mais alegres dias de sua vida, tanto que é visto como uma segunda pátria.

Os mais alegres anos de minha juventude correram-me em Portugal, — lá me ficaram amigos que me pesa de ter deixado talvez para sempre; e não sem saudades me posso agora recordar dos sítios que vi, das pessoas que amei e da terra que me foi como uma segunda pátria (1848, nov. 31. Carta a João de Aboim in DIAS, 1964, 114).

Conforme Grizoste (2013, p. 108) o poeta “soube, como poucos, despertar o sentimento de compaixão nas pessoas, tanto nos amigos, quanto em quem leu a sua poesia. Viveu numa completa bipolaridade, de um lado o apego a vida que relativamente convive com a afeição a morte”, por isso víamos um poeta que ora falava de suicídio, ora almejava os mais gloriosos projetos de vida, dessa forma via Coimbra como uma terra estrangeira que lhe proporcionou uma vida triste, bem como a segunda

pátria que lhe concedeu os seus dias mais alegres. Em outro episódio de sua vida relata sua vivência ao retornar a sua terra natal. No entanto, estar em sua terra natal também não era sinônimo de estar em “casa”, mas sim de estranhamento.

Não me tens escrito e tens feito mal; sozinho em terra que, apesar de minha, eu posso chamar estranha, é-me preciso falar, sequer de longe, com alguém que me fale noutra vida, que não ne_*a da realidade e do interesse, é-me preciso falar com alguém que me entenda, e que me responda, é-me necessária a voz do irmão da minha alma — voz de amor e de esperanças voz de entusiasmo e de poesia (1845, mai. 01, carta a Teófilo in DIAS, 1964, 39).

Percebe-se que não há um lugar certo, algo que traga conforto ao poeta, que enxergue propriamente como seu lugar no mundo “E eu, que sou? — Alguém que sofre, e que não pode gemer, e que não tem sequer um recanto onde viva” (1845, mai. 01, carta a Teófilo in DIAS, 1964, 39). Segundo Paiva (2017, p. 54) “o exilado vive um processo constante de lembrar para não perder o que ficou para trás. Na volta, ao se dar conta do que se perdeu, de que houve mudanças, esse processo é reavivado”. Na Europa lembra-se saudoso de sua terra, e deseja muito retornar, mas ao perceber que as coisas já não são como antes, o processo de exílio é reavivado, porquanto já não se sente em casa. Temos então, um poeta exilado em sua própria pátria.

Se olharmos sob uma perspectiva pós-colonial esse sentimento de não adaptação a um lugar algum deve-se ao fato de não haver uma “casa” propriamente para o sujeito que passa por esse processo de ruptura. “Stuart Hall identificou nesta experiência a sensação quase universal de des-locamento, ou seja, o sentimento, por todos conhecido, de que “não estamos em casa”” (HALL, *apud* SCHMIDT, 2005, p. 96).

Não é simplesmente o fato de estar longe de seu lugar de origem, mas refere-se a não haver um lugar como seu, que lhe acolha em todos os sentidos, por isso independente do ambiente a sensação que se tem é a de “não estar em casa”. Pois o processo de que se advém interfere no processo de identidade do sujeito. É claro que o poeta romântico lutou por uma identidade literária autêntica brasileira em sua poética, contudo ele mesmo vem desse processo recente de independência e como tal também estava em construção. Pode-se ver também através da questão do contraponto colocado por Said (2003, p. 59) acerca disso, declara que os sujeitos exilados apresentam uma pluralidade de visão, como uma “consciência de dimensões simultâneas”, os hábitos de vida, expressão ou atividade no novo espaço sucedem de maneira inevitável contra o pano de fundo da memória dessas coisas em outro lugar. Assim, ambos os ambientes são vívidos, reais, ocorrem juntos como no contraponto por isso torna-se sempre complexo esse reconhecimento de mundo e a adaptação.

Portanto, Gonçalves em Coimbra está longe desta pátria amada a qual deseja muito rever, mas tão rápido muda de perspectiva, tem uma pátria, mas não tem um lugar visto como seu, onde se sinta verdadeiramente acolhido e identificado. Nas suas idas e vindas, o poeta leva o outro consigo, bem como o traz. Ao olhar de fora para o que deixou quer uma reconciliação com a pátria, mas dentro dela, por vezes, não a reconhece. Tendo em vista isso, “não podemos falar de *um* sujeito pós-colonial, pois sua identidade resulta da interseção de diversas faces de sua história e de seu presente” (SCHMIDT, 2009, p. 139). Por isso, o poeta em suas obras busca por um ideal de pátria, um ideal de nação que venha atribuir essa identidade que resulta de outras faces, mas, sobretudo representa a pátria a qual nasceu.

3.3 A POESIA COMO REFÚGIO PARA O MAL DO ISOLAMENTO

*O exílio não é uma questão de escolha: nascemos nele,
ou ele nos acontece.*

Edward Said

Por meio do fazer poético os nossos poetas criaram um meio de fuga para suas dores. Ambos unidos pelo infortúnio, lançaram-se à literatura, e é somente pela literatura que pode-se perceber o princípio da lírica de exílio na tradição ocidental com Ovídio, bem como o emblema de nacionalidade brasileira na tradição romântica com Gonçalves Dias. Paiva (2017) analisa o poema como morada, trabalha a perspectiva de que o ser exilado, uma vez que está sem “casa” pode encontrar sua morada no poema. Ressalta ainda utilizando-se das palavras de João Cabral de Melo Neto que “recriar a casa perdida é um trabalho duro, é correr perigo de estar exposto a poesia a “flor” – conforme querem outros – que mata e dá prazer” (2017, p. 47).

O poeta clássico, por estar longe do solo pátrio, deixa transparecer em seus versos tristes, como sua poesia lhe serve de acalento em seu duro destino. Pois é só por meio de sua escritura que mantem-se vivo em meio ao sofrimento que a terra bárbara provoca, e é para si, pois não há quem nessa terra entenda sua amargura.

*Tristia, quo possum, carmine fata leuo.
Quod, quamuis nemo est cuius referatur ad aures,
Sic tamen absumo decipioque diem (Tr. 4.10.112-114).*

Meus tristes fados, quanto posso, com a poesia alivio.
Embora não haja ninguém para cujos ouvidos possa recitá-la,
Todavia, assim engano e passo os dias.

Na mesma esteira, Gonçalves Dias tem a consciencia de exílio e sabe que em meio a sina dolorosa em que se encontrara, sua poesia é produto e, mais que isso, para ele ser poeta já é insígnia de sofrimento:

Assim é: a poesia não é a tradução da linguagem dos astros na placidez da noite — nem do vento gemendo nos leques da palmeira — nem da fonte. Sussurrando na solidão das matas: a Poesia é a dor, é sofrimento, é o espinho da vida a entranhar-se pelo coração que nos arranca um grito — a que se chama — Ode ou Poema. Quem sofre pode não ser poeta; mas o poeta duvido que não sofra (1846. Nov. 4. Carta a Teófilo, in CORRESPONDÊNCIA ativa, 1964, p. 65-66).

Segundo Paiva (2017, p. 50) “a solidão é um dos mais frequentes sentimentos que emergem nos poemas de exílio. Sentir-se em exílio é um sentimento individual, assim como cada exilado sente de maneira única seu exílio”. De tal modo, a poesia pode ser vista como alívio, uma espécie de função terapêutica para o exilado, bem como a mais autêntica representação do sofrimento. Ela pode ser usada como instrumento de protesto e resistência as condições. As cartas do sulmonense revelam-se marcas de resistência ao destino imposto, uma vez que o poeta morre em exílio sem tê-lo aceito.

*Nil nisi flere libet nec nostro parciior imber
Lumine de uerna quam niue manat aqua.
Roma domusque subit desideriumque locorum, (Tr. 3.2.19-21).*

Nada senão chorar me consola, e não menos copiosas são as lágrimas
De meus olhos que a água que escorre da neve na primavera. Vem à mente
Roma, minha casa, a saudade dos lugares,

*Iamque suum mihi dat pro Lare poena locum?
Di facite ut Caesar non hic penetrare domumque,
Hospitium poenae sed uelit esse meae (Tr. 3.13.52-54).*

Agora o lugar de meu castigo é meu Lar?
Ó deuses, fazei que César não queira que aqui seja meu lar e casa,
Mas somente hospedagem durante minha condenação!

O poeta sempre se refere a Roma como o seu lugar no mundo, sua casa. Sempre em seus versos evoca a memória para nunca esquecer sua pátria. Isso faz com que se estreite um possível espaço de aproximação com a sociedade de Tomos. Para Nasão, além de ser uma forma de aliviar seu duro fardo, sua poesia é um meio de aproximar-se de seu lar através de suas memórias. Ao mesmo tempo que evidencia as lembranças de Roma, Ovídio, se reafirma como exilado, uma vez que percebe que não pertence àquele ambiente. É também como uma proteção para não se perder de quem considera ser, ou seja, uma forma de preservar sua identidade romana e dessa maneira manter vivo sua ligação com os seus.

Os exílios de Gonçalves Dias influenciaram inevitavelmente o nacionalismo que compunha suas poesias. Entre muitos males que afetavam o poeta, a sua infelicidade no amor era uma das suas mais agudas lamentações

Sê feliz no teu Casamento e que nada possa arrefecer esse amor teu e dela. É uma sorte feliz — e a única que eu invejo a todo homem — e por falta dela é que me lanço na Literatura. É preciso que eu ame a qualquer coisa — que eu ame sinceramente, apaixonadamente e idealmente (1843, out. 07, carta a Teófilo in DIAS, 1964, p. 22).

Percebe-se que é uma das causas apontadas pelo autor para se dedicar tão profundamente à poesia. Após a rejeição do pedido de casamento da família de Ana Amélia, sua amada e musa inspiradora dos célebres poemas “Seus olhos” e “Ainda uma vez – adeus”, fato que vai somar ao seu estigma de complexo de inferioridade acerca de sua origem.

Sabes que não tenho fortuna, e que longe de ser fidalgo de sangue azul, nem ao menos sou filho legítimo: falo-te assim, porque ainda quando eu por natureza houvesse sido e fosse um homem pobre, é esta uma das ocasiões em que a honra, e o pundonor e a própria dignidade, exigiriam toda a franqueza da minha parte (1843, out. 07 carta a José Joaquim Ferreira do Vale in DIAS, 1964, p. 133)

Fatos que exploravam as mais íntimas dores do poeta faziam com que ele criasse para si um ideal de mundo, seja para nação na figura do Índio, seja para si mesmo, pois a representaria alcançando o símbolo de poeta nacional. Dessa forma, lançando-se a poesia tentava alcançar algum regozijo em meio ao males da ausência. Como afirma Grizoste (2013) o poeta tentava ignorar esta face oculta, nutrindo sonhos de grandeza e de glória. Tendo como base Ricardo, Grizoste afirma que:

a vida de Gonçalves é um confronto entre alegrias e dissabores, em que as alegrias saem ganhando. Todavia, por maiores que sejam as compensações, o poeta jamais chegou a conformar-se com a sua condição. Nada foi capaz de o fazer esquecer as humilhações de um nascimento obscuro e desigual. Mas, no fundo, a dor foi benéfica até certo ponto, pois e pela dor, pelo sofrimento, pelos espinhos da vida a atravessar-lhe o coração, que o poeta nos arranca um grito que se chama ode ou poema (GRIZOSTE, 2011, p.56).

Em 1843 quando estava em Coimbra, Gonçalves Dias remete-se a sua Musa tal como um dia exaltou o poeta relegado estando em desterro e tendo como refúgio e último prazer à companhia de sua Musa. Mas o poeta romântico descreve uma Musa triste, tão triste e, se existe uma palavra que descreva o sentimento de exílio é sem sombra de dúvidas, a tristeza.

É triste a minha Musa, como é triste
O sincero verter d'amargo pranto
D'órfã singela;
E triste como o som que a brisa espalha,
Que cicia nas folhas do arvoredado

Por noite bela ...

Quem me dera ser como eles!

Quem me dera descansar!

Nesse pobre cemitério

Quem me dera o meu lugar,

E co'os sons das Harpas d'anjos

Da minha Harpa os sons casar! (Gonçalves Dias, 1969, p. 19-20)

Distante da pátria a Musa do poeta é triste e lamentosa, em seus versos o eu-lírico vestido de um lamento profundo descreve a sua poesia como reflexo de todo seu lamento. Na condição que se encontra, não encontra outro sentimento senão as lágrimas. Faz-se uma referência à Musa do poeta latino no desterro, pois era o seu único alívio em meio às tristezas do degredo *Gratia, Musa, tibi! Nam tu solacia praebeas, | Tu curae requies, tu medicina uenis* (Tr. 4.10.117-118) “Dou-te graças, ó Musa! Pois tu me dás conforto, | Tu és o repouso de meus afãs, tu vens como remédio”. A influência do exílio poeta latino é evidente na poesia de Dias, pois o mesmo o remete-se a Ovídio ao cita-lo, na epígrafe desta poesia e tal qual a musa do poeta romano, Gonçalves também compartilhava do sofrimento de estar em pátria distante e por isso justifica a tristeza de sua musa.

É muito interessante pensar que o exílio pode ser como uma fonte geradora de poesia, uma vez que, são cenários muito dolorosos que arrancam a expressividade humana. Por meio dessas poesias pode-se reafirmar um nacionalismo, se achar como sujeito no mundo, bem como perder-se ou morrer, mas gera antes de tudo, lamento. No poema de Gonçalves o eu-lírico deseja descansar, deseja a morte como paz para seu sofrimento. Ovídio também desejara a morte em outros versos. Isso porque em certa perspectiva o exílio já é visto como morte para quem o vive.

Sobre as sequelas e a literatura produzida no exílio declara Said (*apud* Paiva, 2017, p. 41) “pensar que o exílio seja algo bom para literatura é banalizar suas mutilações, as perdas que inflige aos que sofrem, a mudez com que responde a qualquer tentativa de compreendê-lo como ‘bom’ para nós”. O exílio vivido, sentido gera muitos traumas. É certo que a literatura pode ser um refúgio, pode ser uma forma de se manter a sobrevivência, pode ser uma luz no fim do túnel para o sujeito exilado. “A poesia pode até mesmo salvar o poeta do inferno, como ocorre em *A Divina Comédia*, onde o poeta Virgílio conduz Dante” (PAIVA, 2017, p.42). Mas é certo que nem todos vão achar esse acalento. Muitos nem mesmo alcançaram o retorno ou encontraram uma “casa” para chamar de sua, tão certo, sabe-se que se morre pelos exílios, seja de forma

física ou na sua condição espiritual. Morrer no exílio e exílio como morte, eis outra questão para refletirmos

3.4 MORRER NO EXÍLIO

*É mentira! não morri! nem morro, nem hei de morrer nunca mais —
Non omnis moriar!*
Gonçalves Dias

Entre os muitos sentidos que carrega a palavra exílio, morrer é uma que bem lhe representa. Pois, para o ser exilado o exílio pode ser como a morte, constituindo-se numa morte metafórica, bem como pode vir acontecer em sua literalidade. Dentro da representação literária. Os sujeitos tendem a sentir-se como mortos. Ovídio bem representa o exilado banido e, para ele além de ser uma tortura sua nova realidade, é também emblema de sua morte isso porque a existência exilada é uma experiência de morte.

Estudos biográficos apontam a morte de Ovídio entre 17-18 a. C no exílio. Pois sabe-se que o poeta não foi absolvido de seu misterioso erro, mesmo depois da morte de Augusto. Na sua produção de exílio entre muitas faces acentuadas pelo poeta, mostram melancolicamente seu estado de morte, como também seu desejo de morrer em sua pátria.

*Nec tamen, ut cuncti miserum seruare uelitis,
Quod periit saluum iam caput esse potest.
Vt mare considat uentisque ferentibus utar,
Vt mihi parcatis, non minus exul ero. (Tr. 1.2.71-74)*

Todavia, mesmo que todos desejeis salvar um infeliz,
Não pode ser salva a vida que já se extinguiu.
Ainda que o mar se acalme e que goze de ventos favoráveis,
Que me poupeis, não menos exilado serei.

Estes versos de *Tristia* representam o exílio do poeta como espécie de morte. No primeiro, diante da conjectura de ser salvo. A *persona* poética não se alegra, pois na sua voz traz a ideia de que já não tem mais uma vida a ser salva. A voz poética transmite a ideia de que o ambiente a qual foi imposto acabara por extinguir a vida a sua vida. E mesmo diante de um possível salvamento não acredita ser reversível os danos do exílio em sua vida

*Cum patriam amisi, tunc me periisse putato!
Et prior et grauior mors fuit illa mihi.
Nunc, si forte potes – sed non potes, optima coniux
Finitis gaude tot mihi morte malis! (Tr. 3.3.53-56)*

Quando perdi a pátria, nesse momento, acredita, morri:
A primeira e mais grave morte foi para mim essa.
Agora, se acaso podes – mas não podes, ótima esposa
Por findarem tantos males, alegra-te com minha morte!

No segundo, a voz poética dirige-se a esposa. Diante de uma enfermidade achando que será o fim de sua infeliz vida. Tenta convencê-la de que a sua vida já

acabara com o desterro. E que essa morte sim, foi terrível e grave para ele. Ao minimizar a doença em relação ao desterro. Nasão transfere o estigma de doença mortífera para o exílio. E que só ao morrer realmente poderá cessar os males que o perturbam. *Quantum erat, o magni, morituro parcere, diui, | Vt saltem patria contumularer humo?* (Tr. 3.3.31-32) “Seria muito, ó grandes deuses, perdoar o moribundo, | Para que ao menos seja sepultado em solo pátrio?”. Contudo, morrer em solo pátrio ainda pesava para eu-poético. Ao menos que na hora da morte pudesse retornar e enfim acabar com tanto sofrimento, acabando com seu exílio.

*Ossa tamen facito parua referantur in urna:
Sic ego non etiam mortuus exul ero.
Non uetat hoc quisquam: fratrem Thebana peremptum
Supposuit tumulo rege uetante soror* (Tr.3.3.65-68).

Faz, todavia, os ossos serem repatriados numa pequena urna:
Assim, embora morto, não serei um exilado.
Isso ninguém proíbe: o irmão assassinado a irmã Tebana
Sepultou, mesmo com a proibição do rei.

Em meio à possibilidade de morrer e, se não aceito sua petição de morrer em solo pátrio. Roga a esposa que repatrie seus ossos para sua terra, assim como Antígona que contrariando as ordens do rei de Tebas, sepultou seu irmão Polinices. Nota-se que a ligação com o seu lugar de origem é tão forte que sua expulsão é como a morte para ele, e seu retorno ainda que morto é considerado como o fim de seu martírio. Dessa forma, já não pesaria sobre ele o estigma de relegado. No célebre poema de Gonçalves Dias *Canção do exílio*, o eu-lírico deseja retornar algum dia a pátria para também morrer na terra a qual pertence.

Não permita Deus que eu morra,
Sem que eu volte para lá;
Sem que desfrute os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o Sabiá...
(Gonçalves Dias, 1969, p.2)

Segundo Paiva (2017, p.83) “Não há nada na pátria estrangeira que diminua a solidão do exilado: ele está sozinho, abandonado. Sua maneira de aproximar-se de sua pátria de origem é sonhando. Teme morrer no exílio longe de seus mortos e da vida que só existe ‘lá’”. O poema fora escrito enquanto estava em Coimbra e foi publicado nos seus “Primeiros Cantos”. E tal como eu-lírico queria retornar para sua terra.

Mas como é sabido, o poeta estava sempre em movimento. Viu e viveu as diversas faces de sua terra, uma realidade que não era exatamente aquela do poema e

devido as suas relações que manteve sentiu-se como exilado em sua terra, em várias passagens em suas cartas pessoais demonstra o desejo de querer morrer.

Viver! Talvez o não saibas, há vidas ignoradas que passam sobre a terra com mais coragem do que um guerreiro em dia de batalha — há instantes tenebrosos em que é preciso um grande esforço de virtude para que se não ceda á vertigem — á atração do Suicídio — Estranhas esta palavra — não é verdade? (1845, ago. 31, carta a Teófilo in DIAS, 1964, 328).

Acerca disso comenta Grizoste, “Ter adquirido em sua época o epíteto de ser o primeiro poeta do Brasil era lhe coisa pouca; sequer representava uma razão pra viver. O drama existencial de Gonçalves Dias chega ao ponto de falar em suicídio”. Em 3 de novembro de 1864 morre Gonçalves Dias em um naufrágio na costa do Maranhão. Em sua vida de experiências exílicas, o poeta que também evocou a morte como instancia salvadora de uma vida que não via prazer. E quando doente lidou com a chegada da morte. Ao contrário do eu lírico da *Canção do exílio* que quer a todo custo morrer em solo pátrio de forma gloriosa, em alguns momentos da vida Gonçalves simplesmente deseja apenas morrer acabando com seus pesares “chego a pensar com amargura que eu já vivi muito e vejo com satisfação que já é tempo de morrer!” (Carta a Henriques Leal in DIAS, 1964, p. 414). Porém, o poeta relata também em suas cartas o desejo de morrer em solo maranhense, junto dos seus.

O poeta, entretanto, já tinha experimentado a notícia de sua morte estando longe da pátria, foi um dos poucos que viveu para ser noticiado como morto em vida. Grande coincidência, dois anos mais tarde morreria em um naufrágio.

O fato é que entre as singularidades da minha vida terei de mais a mais o prazer singular e esquisito de ler as minhas necrologias (...)Vi nos jornais que eu tinha morrido, li as minhas necrologias! Estou morto! Não há dúvida mais certa. Atiraram-me às ondas. O oceano é o único túmulo digno de um poeta, que não foi muito d'água doce. Deus lhe fale n'alma. Requiescat in pace (DIAS,. Op. Cit. Carta a Teófilo, 23/ 08/1862, p. 1862, p. 329).

As cartas do poeta revelam de forma íntima a relação de Gonçalves com o mundo e o valor que atribui a ele. Embora tenha sido uma confusão. O poeta, uma vez, comentando o ocorrido, afirmou com suas palavras que não há uma diferença entre estar morto e a condição de exilado. É um dos sintomas do exílio apresentar-se como morto. A pátria real que nascia não era ainda o ideal para viver, “estou morto! Não há dúvida”. Na concepção de Longo para Grizoste (2013, p. 344) “se Camões teve a grandeza épica, exemplificando o melhor de sua coletividade, Gonçalves Dias foi o mais infeliz dentre os infelizes estigmatizado pela singularidade do seu destino, é vítima em meio a um périplo que não se completou”. Se em sua vida por vezes desejava a morte, em sua poesia cantou a morte no exílio do índio, morto em sua própria casa,

dizimado, estrangeiro em sua própria terra, embora a terra fosse originariamente sua, por isso o poeta almejou um ideal de pátria, como bem afirma Lima (2015, p. 58), “a organização social indígena, idealizada, tornou-se em utopia, em um lugar imaginário onde não haveria desigualdade nem ambições materialistas, ao contrário do que a realidade contemporânea do poeta lhe apresentava”. Desse modo, podemos dizer que viver ou morrer no exílio, não se sabe qual dos males é o pior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos ao longo deste trabalho através das epístolas de Ovídio e Gonçalves Dias, o poeta clássico representou o desterrado que busca a todo custo ser perdoado e retornar a seu lugar de origem. Devido a isso, Sua escritura é lamentosa, triste de angústia e de alma. Ainda mais se considerarmos que através de seu jogo poético consegue transmitir muitas imagens de si e o fato de apresentar-se como um exilado pela censura, comove-nos, pois profundamente porque sabemos o peso da censura, ou da perseguição política. Na representação de Ovídio, Augusto restaurador da paz e dos antigos valores morais romanos ao bani-lo por compor uma obra que poderia ir de encontro com o que pregava sua ideologia consegue fazer-nos refletir acerca destes males. Ovídio, então, deixou para a posteridade a imagem de um poeta sofredor exilado e oprimido pelos poderosos.

Evidenciamos como sua escritura fora importante para tradição ocidental da literatura de exílio, e que a cada retomada ele é ressignificado e revalidado. Assim, a temática foi retomada por Gonçalves Dias em seu tempo. O nosso poeta nacional que nasceu junto com a pátria, sentiu as dores de uma pátria nascente, sentiu o peso da mestiçagem e viu como a vida era dura, mesmo para ele com sangue europeu nas veias. Talvez por isso tenha se comovido pelo índio. Pois olhou o índio e olhou o português e o que lhe pesou mais foi o sofrimento dos oprimidos, de uma gente sofrida e exilada em sua própria terra. Sua poética, tal como ele, é lamentosa e sofrida, até nos seus intentos de criar algo épico e glorioso, cria lamento e solidão, pois se trata da imagem da pátria que também é a sua. As suas cartas transmitem a dor de alguém que busca ser situado no mundo. E as viagens que fez, resultaram em momentos de exílio que se transformaram em conflitos de identidade. E como em Ovídio que era *relegatio*, mas apresentava-se como exilado. Gonçalves por vezes apresentou-se como desterrado, ou como alguém que não tem um lugar no mundo, tendo apenas um ideal de pátria que desejara que fosse a sua.

Gonçalves Dias, que uma vez dissera que não haveria túmulo mais digno para um poeta do que morrer no oceano (DIAS, 1964) morreu em um naufrágio depois de anos de peregrinação pela Europa, Amazônia, pelo Rio de Janeiro, quando voltava para casa e avistava, quem sabe, a terra, perdeu-se com ele o que trazia. Ovídio, por sua vez, o que se sabe é que morreu no exílio entre gente bárbara sem jamais poder regressar. Morreu abandonado, uma vez que o grande número de amigos se perdeu com o desterro, restando poucos no infortúnio, como sua amada esposa.

Em tempos palacianos Ovídio cantou o amor carnal, as paixões, o prazer, enfim cantou sobre Corina, o eu poético também se mostrava sofredor pelas aventuras de Corina. Por outro lado, Gonçalves Dias exaltou o amor romântico, mas que também sofria, amou Ana Amélia, mas por motivos sociais não fora aceito pela família. Em um de seus episódios de queixa amorosa, disse a Teófilo que por isso lançava-se a literatura, pois não teria tido a sorte de seu amigo quanto a felicidade amorosa (DIAS, 1964), mas uma coisa é certa, graças a seus tormento amorosos tem-se hoje um dos mais lindos e triste poemas da língua portuguesa, *Ainda uma vez – adeus*. Se seu sofrimento amoroso resultou em *Ainda uma vez – adeus*. Ao olhar para pátria seu sofrimento gerou *Os Timbiras*, sua tentativa de criar uma epopeia americana, uma *Ilíada* brasileira, mas que por ter seu caráter sofrido e lamentoso configurou-se mais como uma Eneida Brasileira (Grizoste, 2013).

Gonçalves Dias, nos deixou Hinos, Ovídio observando a apoteose romana deixou as *Metamorfoses* – Gonçalves Dias deixara *Os Timbiras* inacabado; Ovídio deixara *Os Fastos* pela metade. De Gonçalves Dias, sabe-se, perdemos uma História do Brasil que estava sendo preparada a custo, uma tradução da *Noiva de Messina*, e de Ovídio, sabe-se, perdemos a *Medeia*. Ovídio teceu honras e homenagens a sua esposa na sua escritura de desterro, Gonçalves Dias morreu longe de seu verdadeiro amor Ana Amélia, pois nunca conseguira amar Olympia, sua esposa, *a imperatriz de tua casa abandonada* (BARBOSA, 2014, p. 165-166). Ovídio com sua poesia de desterro fundara uma tradição de literatura de desterro ocidental, Gonçalves exilado, inicia uma poesia com marcas de brasilidade, que não só representava o país e seus elementos tropicais, mas a dureza de uma pátria nascente, pois foi cantor de um povo exilado que também viveu exilado em sua terra.

Portanto, o exílio foi fundamental para narrar os eventos da poética de ambos os poetas, os males da ausência que com ele vêm refletiu em tantos outros depois deles. Isso porque o exílio é um ápice de sofrimento humano, é uma ferida incurável para

quem o sofre, e uma vez que afeta a tantos nos cabe ressaltar a dimensão moldadora do exílio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Autores

- DIAS, Antônio Gonçalves. “Correspondência ativa de Gonçalves Dias”. **Anais da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro, v.84, 1964.
- ___ . **Poesia. Coleção "Nossos Clássicos"**. São Paulo, Agir, 1969.
- ___, **Obras posthumas de A. Gonçalves Dias**, 6 Vls., org. Antônio Henriques Leal, São Luís, B. de Matos, 1868.
- OVÍDIO. **Cartas Pônticas**. Introdução, tradução e notas de Geraldo José Albino. Revisão da tradução: Zélia de Almeida Cardoso. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

Apoio Teórico

- ALEXANDRE JÚNIOR, Manuel. “Argumentação retórica na literatura epistolar da Antiguidade”, **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**. Ilhéus, n. 8, (2015) p. 166-187.
- ANDRÉ, Carlos Ascenso, “**O mal de ausência o canto do exílio na lírica do humanismo português**”, Coimbra, Minerva, 1992.
- ___, Prefácio. In : Grizoste. W. F. **A dimensão Anti-épica de Virgílio e o Indianismo de Gonçalves Dias**. 1. ed. Coimbra: CECH, 2011. p. 11-13.
- ARAUJO, Camila Severiano. **A arte de Amar: A moral segundo Ovídio**. Guarabira: UEPB, 2012 (Monog. Policop).
- AVELLAR, Júlia Batista Castilho de. **As Metamorfoses do Eu e do Texto: o jogo ficcional nos *Tristia* de Ovídio**. Belo Horizonte: UFMG-FALE, 2015.
- AVELLAR, Julia Batista, “Autobiografias literárias na poesia de exílio: a recepção de Ovídio em Camões” **Nunt. Antiquus**, 14 (2018) p. 87-109.
- BARBOSA, Carlos Brunno “Oh Olímpia” in ADLER, Dilercy; VAZ, Leopoldo Gil Dulcio (orgs) **Mil poemas para Gonçalves Dias: Diário de Viagem**. São Luís: Academia Ludovicense de Letras, 2014, pg. 165-166.
- BRITO JUNIOR, Antônio Barro de. **A metáfora do si mesmo como o outro: poética e ontologia em Paul Ricoeur**, in CASTRO, Fabio Caprio Leite de (Org.). **O si-mesmo e o outro: ensaios sobre Paul Ricoeur**. Porto Alegre: Fi, 2016. p. 13-62.
- DIAZ, Brigitte. **O Gênero Epistolar ou o pensamento nômade: Formas e Funções da Correspondência em Alguns percursos de Escritores no século XIX**. Tradução Brigitte Hervot, Sandra Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2016.
- CASTELLO, José. **Uma ponte aérea lírica do Curvelo à Barra Funda. O Estado de São Paulo**, São Paulo, 1999.
- FARIA, A. C.. “Entre escolhas e silêncios: a construção da memória de Gonçalves Dias como poeta nacional”. **Maracanan** , n.8, (2012) p. 157-182.
- FERNANDES, F. A. C. “Um poeta nacional: memória e construção de identidade nas narrativas autobiográficas de Gonçalves Dias”. **Anais da jornada de estudos históricos Professor Manoel Salgado PPGHIS/UFRJ**, 13.ed., v.3, Rio de Janeiro, 2018. p. 270-285.
- ___, “A construção autobiográfica de Gonçalves Dias”. **Anais da jornada de estudos históricos Professor Manoel Salgado PPGHIS/UFRJ**, 14. ed., v.5, Rio de Janeiro, 2019. p. 160-167.
- FOUCAULT Michel. A escrita de si. In: _____. **Ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, (Ditos & escritos V). p. 144-162.
- GRIMAL, Pierre. **O amor em Roma**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GRIZOSTE, Weberson Fernandes. **Os Timbiras: os paradoxos antiépicas da *Iliada* brasileira**. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2013 (Tese policop.).
- ___, **A dimensão Anti-épica de Virgílio e o Indianismo de Gonçalves Dias**. Coimbra: CECH, 2011.
- GROSSO, Natália Cristina. **Livro I das Pônticas de Ovídio: comentário e tradução**. Campinas: UNICAMP, 2015 (dissert. policop).
- LEAL, Antonio Henriques, **Pantheon Maranhense: Ensaio bibliográfico dos**

- maranhenses illustres já falecidos**, T. 3, Lisboa, INCM, 1874.
- ___, “Ovídio e a Literatura do Exílio”, **língua, literatura e Ensino** –Vol. II, 2007, p. 175-179.
- LIMA, Natalia Ribeiro. **Dialéticas de Exílio e Nacionalismo em Gonçalves Dias**, Porto, Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2015 (dissert. Policop).
- MARQUES, Wilton José. **O poeta do lá**. São Carlos: EdUFSCar, 2014.
- ___, **O poema e o paraíso**, Campinas: UNICAMP, 1996 (dissert. Policop).
- MORA, Carlos de Miguel. "O mistério do exílio ovidiano". *Agora. Estudos Clássicos em Debate*, 4., 2002, p. 99-117.
- OLIVEIRA. E. M. R.; TORRÃO. J. M.N. **Cícero e Ovídio: O poder da Vxor em contexto de exílio** in PIMENTEL. C.M.S.; RODRIGUES, Nuno Simões (org). **Sociedade poder e cultura no tempo de Ovídio**. ed. 1. Coimbra: CECH, 2010, p. 145-171.
- PAIVA, Marcélia Guimarães. **O Poema como morada: O exílio em Ferreira Gular**. Belo Horizonte: PUC Minas, 2017 (Tese policop.).
- ___, “Os caminhos e os sentidos do exílio na poesia brasileira”. **SCRIPTA** , v. 21, p. 35, 2017.
- PRATA, Patrícia. **O caráter intertextual dos *Tristes* de Ovídio: uma leitura dos elementos épicos virgilianos**. Campinas: Instituto de Estudos de Linguagem, 2007 (tese policop.).
- ___, **O caráter alusivo dos *Tristes* de Ovídio: uma leitura intertextual do livro I**. Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2002.
- QUEIROZ, Maria José de. **Os males da ausência, ou a literatura do exílio**. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.
- RABELLO, Lúcia de Sá. “A Literatura Epistolar a partir de Horácio”. **Revista Ecos**, 2007, nº 004: UFRS, 2007.
- SANTOS, Matildes Demetrio dos . “A correspondência de Gonçalves Dias: história pessoal e obra”. In: II Congresso Nacional de Lingüística e Filologia, Rio de Janeiro, **Anais do II Congresso Nacional de Lingüística e Filologia**. Rio de Janeiro: UERJ/CIFEFH, 1998. p. 8.
- SILVA, Márcia Regina de Faria da. “A elegia ovidiana”. **Soletras**, Ano IX, nº17, Supl. São Gonçalo: UERJ, 2009.
- SILVA, M. R. “Ovídio e as inovações na elegia latina”. **Principia** (Rio de Janeiro), v. XXVI, (2013) p. 99-104.